SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE LISBOA
Secretaria-Geral

OS EXPOSTOS DA RODA

DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

MUSEU DE SÃO ROQUE

e Arquivo Histórico/Biblioteca

Patrocínios

BANCO ESPIRITO SANTO

Fundação Montepio Geral

Ficha Técnica

Coordenação geral:
Elvira Brandão
Maria Helena Oliveira

Coordenação científica:
Francisco d'Orey Manoel

Coordenação executiva:
Teresa Freitas Morna
Maria Filomena Brito

Autores dos textos:
Casimira Grandi
Francisco d'Orey Manoel
Isabel dos Guimarães Sá
Maria Filomena Brito
Maria Luisa Barbosa Colen
Teresa Freitas Morna

Autor das fichas do catálogo:
Francisco d'Orey Manoel

Transcrição paleográfica dos documentos:
Filipa Gomes de Avellar

Apoio técnico:
Teresa Freitas Morna
Maria Filomena Brito
Maria Luisa Barbosa Colen
António Meira

Secretariado:
Fátima Rodrigues
Dália Santos
Vera Vicente
Carmo Duarte

Fotografias:
Jorge Horácio de Oliveira
Pedro Aboim Borges
Serviço de Audiovisuais da Misericórdia de Lisboa – Vítor Silva

Restauros:
Maria José Passanha e Marcos Blanch Dinis

Design:
LCG - Design

Sinalética:
Francisco Antunes

Patrocínios:
Banco Espírito Santo
Fundação Montepio Geral

Agradecimentos:
Irmã Ana Maria Sousa Vieira – Directora do Convento dos Cardaes
Carlos de Menezes Falcão
Hermínia Paiva – Leiria & Nascimento, Lda.
Luis Castelo Lopes – Palácio do Correio-Velho
Madalena Braz Teixeira – Directora do Museu Nacional do Traje
Pedro Castel-Branco Borges

ISBN: 972-98004-6-4
Depósito legal: 166950/01

Índice

Apresentação
Maria do Carmo Romão 5

Meninos de papel.
Os enjeitados nos asilos de expostos italianos
Casimira Grandi 7

Segredos de família: os sinais de expostos entre as práticas
de identidade e a construção de memória
Isabel dos Guimarães Sá 9

O acolhimento de crianças enjeitadas
na Misericórdia de Lisboa
Teresa Freitas Morna, Maria Filomena Brito
Francisco d'Orey Manoel e Maria Luisa Barbosa Colen 11

Catálogo 21

Normas de Transcrição
Filipa Gomes de Avellar 54

Transcrição dos textos 55

Planta da Exposição 61

Bibliografia Geral e Fontes Documentais 62

PLANO, E INSTRUCÇÕES PARA A LOTERIA,

QUE SE HA DE FAZER EM LISBOA NO ANNO DE 1784,

FACULTADA

POR

S. MAGESTADE

PELO SEU REAL DECRETO

DE 18 DE NOVEMBRO DE 1783.

A MEZA da Santa Casa da Misericordia, e Hospitaes Reaes de Enfermos, e Expostos desta Cidade de Lisboa, havendo supplicado a S. MAGESTADE a graça de conceder-lhe a faculdade de fazer huma Loteria annual, para occorrer com os lucros della ás urgentes necessidades dos ditos dous Hospitaes: conseguio da Real Piedade, e eximia Clemencia da mesma SENHORA a implorada permissão por seu Real Decreto de 18 do corrente mez de Novembro de 1783, no qual ordena que da importancia dos premios se abata, no acto do pagamento delles, doze por cento para as applicações, que destinou, como lucros da referida Loteria: E faz a dita Meza notorio o Plano, e Instrucções, que baixárão com o mesmo Real Decreto, e que na conformidade delle se hão de executar pela referida Meza, como Directora nomeada para a sobredita Loteria. Quando porém se puzerem promptos, e expeditos os Bilhetes della, o fará tambem constar por Editaes, affixados nos lugares públicos, ao fim de se entregarem a quem concorrer a buscallos.

*

Ao assinalarmos o 503º Aniversário da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, é com especial apreço que esta Instituição apresenta ao público a Exposição subordinada ao tema "Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa", acompanhada do presente Catálogo, fruto de uma pesquisa particularmente envolvente, que nos leva a uma reflexão sobre o papel ímpar da Santa Casa no amparo às crianças desprotegidas.

A acção da Misericórdia de Lisboa, no domínio do acolhimento aos *expostos*, teve o seu início a partir de meados do século XVI, quando a Confraria da Misericórdia toma a seu cargo a administração do Hospital de Todos os Santos, o qual foi incumbido, de acordo com o seu Regimento datado de 1504, de criar os *expostos* na cidade de Lisboa.

É particularmente interessante verificar que os documentos preservados nesta Santa Casa e as pesquisas efectuadas permitem concluir que muitas crianças não eram abandonadas na Roda, mas sim confiadas, por um período limitado de tempo, a uma Instituição idónea e prestigiada, que dava garantias de as saber cuidar. Tanto assim era, que o acolhimento aos *expostos* veio a beneficiar das receitas da Lotaria, criada por Real Decreto de D. Maria I, em 1783.

Tendo a Roda sido extinta em 1870, sucedeu-lhe uma nova era de assistência à família, infância e maternidade, de que é exemplo a criação da Casa Maternal.

Encontra-se patente nesta mostra um conjunto significativo de documentos e artefactos, datados dos séculos XVIII e XIX, "sinais" que se revestem de um valor especial por serem dotados de uma forte carga emotiva e simbólica. Trata-se de pequenas preciosidades, cujo interesse histórico e documental lhe empresta uma singularidade única, tornando-se, assim, testemunhos, ou mais propriamente, "marcas" que procuram assinalar tanto a origem da criança colocada à guarda desta Santa Casa, como a vontade, muitas vezes expressa, de uma posterior recolha, com vista à reintegração na família de origem.

Uma palavra de agradecimento e de grande apreço aos reputados investigadores que, com os seus valiosos contributos, muito enriqueceram este Catálogo.

É igualmente devida uma palavra de agradecimento pelo generoso patrocínio concedido pelo Banco Espírito Santo e pela Fundação Montepio Geral, que apoiaram quer o Catálogo quer a Exposição.

Esta iniciativa da Misericórdia de Lisboa, reportando-se a um capítulo delicado da História da Instituição, não pode deixar de ser dada a conhecer ao público em geral e aos estudiosos em particular, tanto mais que respeita também a uma parte importante da História de Portugal.

Maria do Carmo Romão
A Provedora

Meninos de papel.
Os enjeitados nos asilos de expostos italianos

Casimira Grandi

Diz a lenda que o primeiro asilo para crianças abandonadas foi fundado em Itália, para alguns pelo próprio Santo Ambrósio em Milão, para outros em Pisa, em 1100, por mão de um camaldulense. No entanto, do ponto de vista histórico, parece-me plausível que este primado pertença a Veneza, como refere um documento privado[1] de 1335, confirmado implicitamente pelo *justapatronato* dos doges de 1353.

A história da infância abandonada da Península perde-se na noite dos tempos, e não faltam os expostos ilustres, entre os quais Leonardo da Vinci. Da entrega directa dos expostos a amas na época paleocristã passa-se, geralmente, ao seu acolhimento em hospícios polifuncionais. Só por volta de Seiscentos estes asilos passam a fazer parte das instituições de assistência urbanas, sobretudo no centro-norte, organizadas até com "casas de recolha" nas zonas rurais, uma actividade que se desenvolve com formas e tempos diversos, tendo em consideração as exigências locais, no quadro mais amplo da história dos sentimentos, das mutações na definição de paternidade e filiação, e das alterações da vida familiar. Algumas cidades ostentam edifícios monumentais, como os *Innocenti* de Florença, a *Annunziata* de Nápoles, ou a *Pietà* de Veneza.

A história da infância abandonada, em particular a dos recém-nascidos expostos nos lugares públicos ou depositados nas rodas, encontra-se confiada à caduca memória de papel dos documentos produzidos pelas instituições que os acolhiam, de que decorre o título deste meu breve contributo. Eram crianças cuja existência se iniciava com o abandono; a sua vida era assinalada com um registo feito no momento da entrada na instituição, acto iniciático do percurso institucional que, caso sobrevivessem ao difícil período da amamentação, os conduziria à emancipação depois de uma infância relativamente breve.

A massa de documentos existente nos asilos de infância abandonada italianos (séculos XIV-XX) permite seguir o destino de milhares de crianças abandonadas através da minuciosa contabilidade que lhes dizia respeito, pois estas, mais do que objecto de assistência, eram motivo de despesa para o Estado. As suas biografias institucionais podem ser reconstituídas através dos livros de contabilidade, desprovidos de qualquer individualização. E, paralelamente à história institucional baseada na documentação administrativa, o mundo heterogéneo dos "sinais" é um universo de indecifráveis símbolos dos afectos e das ilusões de um sofrimento anónimo, que na Itália conduziu ao encerramento da última roda em 1923[2].

1. Archivo di Stato di Venezia, Ospedali e Luoghi Pii, b. 630. F. c, c. (13r/v).
2. Russo Drago, Renata, *I figli dello Stato*, Arnaldo Lombardo Editore, Palermo-Siracusa, 2000, p.139.

Licenciada com distinção em Sociologia pela Faculdade de Sociologia da Universidade de Trento, onde lecciona História Social, Casimira Grandi tem concentrado os seus interesses de pesquisa na área dos "excedentes sociais", privilegiando figuras distintas, entre estes expostos e migrantes, mas simultaneamente ligadas à exclusão social. No âmbito desta matéria, tem desenvolvido numerosos estudos, em particular acerca do asilo veneziano de Santa Maria da Piedade e da emigração do nordeste de Itália. Através do Ateneu tridentino, é actualmente responsável por uma pesquisa pluridisciplinar em conexão com a Universidade brasileira do Vale do Itajai (Santa Catarina).

Segredos de família: os sinais de expostos entre as práticas de identidade e a construção de memória

Isabel dos Guimarães Sá

Para o historiador, é difícil interpretar o conjunto de objectos que acompanhavam as crianças no momento do abandono. Artefactos variados: o pequeno texto que acompanhava a criança, a medalha, a fita de tecido, a carta de jogar, etc. Objectos duplos na sua maior parte: por todos os sinais conservados, há que imaginar as réplicas ou as metades que as famílias guardavam consigo, à espera do dia em que pudessem recuperar a criança. Dia que podia nunca acontecer, ou chegar tarde.

Como abordar as dezenas de milhar de sinais de expostos que a Misericórdia de Lisboa conserva no seu Arquivo?

Constituem testemunhos de afectividade, sem dúvida alguma. Manifestações de perda, também, escondendo um sofrimento que se adivinha volátil, mas nem por isso menos intenso. Igualmente o efeito de um acesso cada vez maior a bens de consumo, neste caso objectos de devoção na sua maior parte. Em termos analíticos, porém, a maior parte destes sinais diz muito pouco ao historiador, precisamente porque o código que os permitia interpretar (se é que existiu) desapareceu.

No entanto, talvez não seja errado abordar esses objectos como resultado de práticas de identidade e de construção de memória. Uma vez abandonadas, estas crianças tinham uma sorte incerta, perdidas num conjunto anónimo de recém-nascidos entregues a amas das periferias. Poucas sobreviviam à primeira infância; menos ainda eram as recuperadas pela sua parentela de sangue. Uma vez mortas, a sua existência individual perder-se-ia no vazio.

Mas, algures, alguém guardava uma chave para a sua identificação, um cordão umbilical de tecido, de metal ou de papel, que transmitia a segurança de poder restabelecer os laços familiares interrompidos. Se essa chave não fosse utilizada para devolver uma genealogia ao exposto, adquiria o estatuto de recordação. Um objecto que se podia guardar para prolongar um pouco a memória da sua existência.

Para nós, hoje, estes sinais são isso mesmo: a memória de um tempo em que os europeus abandonaram um número espantosamente alto de crianças. Este facto singular é recordado por eventos como esta exposição, e dá que pensar. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, detentora de um dos melhores espólios deste género existentes actualmente, propõe isso mesmo: uma reflexão, aos estudiosos e à população em geral, sobre as pessoas que nós fomos há pouco mais de cento e cinquenta anos atrás.

Isabel dos Guimarães Sá doutorou-se em História, no Instituto Universitário Europeu de Florença, em 1992. Publicou os livros *A circulação de crianças na Europa do Sul: o exemplo da Casa da Roda do Porto no século XVIII*, Lisboa, 1995 e *Quando o rico se fez pobre. Misericórdias, caridade e poder no Império Português: 1500-1800*, Lisboa, 1997. Exerce funções docentes na Universidade do Minho, onde é professora auxiliar com agregação.

O acolhimento de crianças enjeitadas na Misericórdia de Lisboa

Em Portugal, ao longo da Época Medieval, a protecção dos expostos era confiada aos Concelhos, que contavam com a colaboração de amas remuneradas através de fundos concelhios. Na sequência do surgimento dos hospitais de expostos, ao longo dos séculos XVI e XVII, as entidades camarárias não deixaram de assumir esta função, contudo, nos grandes centros urbanos, assiste-se a um modelo de cooperação entre Câmaras e Misericórdias segundo o qual as primeiras garantiam os necessários meios financeiros, sendo a parte logística da criação dos expostos assegurada pelas Santas Casas[1].

Antes da criação da Roda, o abandono de crianças era habitualmente efectuado em locais públicos tais como igrejas, praças e portais. Da escassa informação acerca da localização de rodas de expostos na cidade de Lisboa, importa registar que, numa instrução de 1759, é referida a existência de um mecanismo deste género num beco da Betesga[2]. A este propósito é de salientar que o Hospital de Todos os Santos, gerido pela Misericórdia de Lisboa, se encontrava localizado nesta zona da cidade.

Na Santa Casa, o primeiro apoio concedido aos enjeitados colocados na Casa da Roda[3] era prestado pela *rodeira*, pessoa que se responsabilizava pelos primeiros cuidados de higiene e alimentação do exposto. Assim, logo após a entrada, era-lhe ministrado o sacramento do baptismo, sendo elaborado um cuidadoso registo onde se indicava o nome e se incluíam pormenores respeitantes a traços fisionómicos e eventuais anomalias, para além de uma descrição minuciosa do vestuário, dos respectivos sinais, e ainda da identidade do padrinho, bem como da ama responsável pela sua criação na Casa. Estes assentos eram dados fundamentais para a possibilidade de resgate do menor pela família.

Inicialmente, os meninos expostos eram amamentados pelas designadas *amas internas*, residentes na Casa da Roda, sendo posteriormente entregues às *amas externas*, habitualmente pagas para darem continuidade aos cuidados inicialmente prestados[4].

No caso da entrega de menores com idade superior a sete anos, e caso se tratassem de crianças do sexo masculino, a ama, ou amo, tinha como missão orientar para o ensino de um ofício, bem como integrar o menor no mundo do trabalho. Tratando-se de menores do sexo feminino, as amas eram incumbidas de lhes ministrarem ensinamentos acerca de tarefas domésticas, não recebendo, em caso algum, qualquer remuneração para o cumprimento destas actividades[5]. Todavia, alguns registos indicam que, ao longo dos tempos, lhes foram sendo concedidos diversos privilégios. Como exemplo deste tipo de regalias é de registar o facto de, em meados do século XVII, a legislação ter isentado os maridos das amas dos encargos da guerra, situação que mais tarde se viria a estender aos filhos[6].

Apenas uma diminuta percentagem das crianças expostas era entregue posteriormente aos seus parentes, circunstância que, entre vários factores, poderá justificar-se pelo elevado índice de mortalidade dos recém-nascidos, sendo de destacar o facto de grande parte das crianças chegarem à Misericórdia em debilitado estado de saúde, o que era extremamente agravado pelas limitações inerentes à Medicina da época[7].

Quando era feita a recolha de uma criança exposta, o sinal era extremamente importante para a sua identificação, podendo o parente proceder à apresentação de uma parte do objecto entregue com a criança,

ou ainda reclamá-la através da exibição de um documento idêntico. A entrega processava-se depois de conferida a identidade dos progenitores e do exposto e, caso não fosse apresentado um atestado de pobreza, a Misericórdia recebia um reembolso relativo à criação do exposto[8].

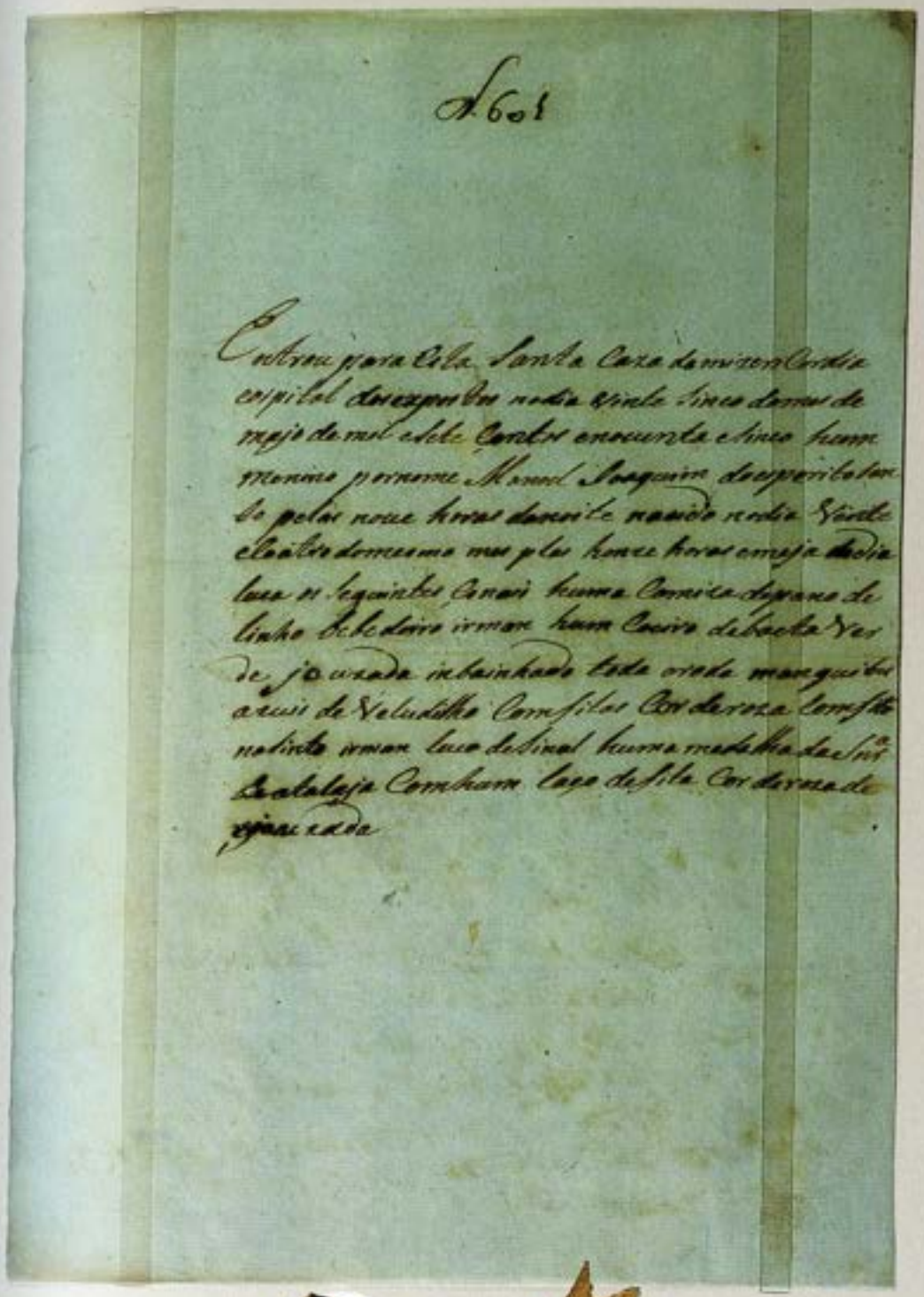
Sinais de Expostos – alguns testemunhos documentais

A presente mostra tem como objectivo a divulgação de um importante espólio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que é uma parte da série documental designada "Sinais de Expostos".
A colecção incide sobre valiosos documentos dos séculos XVIII e XIX, de que seleccionámos 57 exemplares inéditos, que têm progressivamente vindo a ser objecto de intervenções ao nível da conservação e do restauro. Entendemos estes "sinais de expostos" como um conjunto coerente constituído, na sua maioria, por manuscritos acompanhados por um ou mais objectos de especial significado para as famílias que, por força das circunstâncias e carências, se viam obrigadas a entregar os seus descendentes ao cuidado da Misericórdia de Lisboa.
Relativamente aos manuscritos apresentados, a sua leitura revela-nos dados interessantíssimos acerca das vivências da época, nomeadamente curiosas descrições de indumentárias das crianças deixadas na Roda, dotadas de grande riqueza ao nível do vocabulário da época e redigidas de um modo particularmente "poético". Vasco Graça Moura caracteriza estas interessantes passagens da escrita portuguesa como uma espécie de "estética do abandono", associando as peças de roupa, os objectos levados pela criança, bem como a descrição e enunciado dos respectivos sinais, aos gestos de ternura trágica e ao comprazimento da mãe na organização de um enxoval para o seu filho[9].
No que concerne aos objectos adstritos aos documentos, cabe ainda referir que não se tratam, propriamente, de peças de valor artístico, mas sim de artefactos de significado particularmente afectivo, em diversos casos de sentido simbólico, mágico e religioso. O seu valor material é variável, pois tanto encontramos objectos concebidos em materiais nobres ou semi-preciosos como outros em materiais mais correntes. De facto, o valor real destas peças reside, fundamentalmente, na sua importância como forma de identificação da criança, podendo os familiares, na posse de fragmentos dos sinais deixados na Roda, comprovarem as suas afinidades de parentesco no acto de recuperação dos seus entes queridos.

Teresa Freitas Morna, Maria Filomena Brito
Francisco d'Orey Manoel e Maria Luisa Barbosa Colen

---

1. Sá, Isabel dos Guimarães, "Abandono de crianças, identidade e lotaria: reflexões em torno de um inventário", in *Inventário da Criação dos Expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1998, XVI, XVII.
2. A Academia das Ciências de Lisboa conserva a *Legislação de Trigoso* que, no volume 16 (cota: Reservados 11.2.16.), contém um *Aviso* do Conde de Oeiras de 30 de Junho de 1759, sobre a divisão e delimitação dos terrenos de Lisboa. Este inclui uma *Instrução*, datada de 19 de Junho de 1759, acerca da área da Praça do Rossio, onde se refere "... que corta pelo lado meridional do mesmo terreno do Hospital, os sórdidos Becos da Roda dos Enjeitados e Bitesga".
3. A Casa da Roda situava-se no Hospital Real de Todos os Santos, tendo-se instalado temporariamente em diversos locais até 1768, ano em que foi transferida para o edifício de São Roque. Mais tarde, entre 1786 e 1803, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa alugou outros espaços para instalar os meninos expostos (vide p. 308 do *Inventário da Criação dos Expostos*).
4. *Regimento do Hospital Real* de 1504 (transcrição do final do século XIX?, existente no Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, fol. 37-38). *Alvará* de 1775.01.31 in *Decretos, Avisos e Ordens*, Lv. 003, fol. 84-86.
5. *Inventário da Criação dos Expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, 1998, p. 311.
6. *Alvará* de 1654.08.29, in *Privilégios*, Lv. 001, fol. 98v-99 e *Alvará* de 1695.12.22, in *Decretos, Avisos e Ordens*, Lv. 002, fol. 75.
7. Para mais elementos poderá ser consultado o artigo "Os expostos e desamparados na Misericórdia de Lisboa", in *Cidade Solidária*, Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nº 2, 1º semestre de 1999, p. 43.
8. *Despacho da Mesa* de 1821.11.16, in *Avisos e Ordens da Mesa*, Lv. 003, fol. 22-23.
9. Moura, Vasco Graça, *Ronda dos Meninos Expostos: Auto Breve de Natal*, Lisboa, Quetzal Editores, 1987, p. 8.



N.º 601

Entrou para esta Santa Casa da Misericordia
capital do Porto no dia vinte e cinco do mez de
Maio de mil e sete centos e cincoenta e cinco hum
menino por nome Manoel Joaquim do Espirito Santo
pelas nove horas da noite e não tendo sinal
algum do mesmo mas pelas horas e meia da dita
hora se seguintes Cousas hum Camisa de pano de
linho delgado e hum Cueiro de baeta Verde
de jª usada inteirinhado tudo o dito manguito
assim de Veludilho com fitas Cor de rosa com fita
no dito e hum luco de sinal hum medalha de Nº
Senhora da Lapa com hum laço de fita Cor de rosa de
ignorada

Manuscrito, fita e medalha
Papel, seda e metal
Portugal, 1795

Manuscrito, fita e medalha (pormenor)
Papel, seda e prata
Portugal, 1795

Gravura impressa, fitas e medalha
Papel, seda, lantejoulas e prata
Portugal, 1796

Gravura impressa
Guache sobre papel
Portugal, 1801

Manuscrito, fita e meia
Papel, seda e algodão
Portugal, 1823

Hum menino q entrou no dia 12
do mez de Maio q nadou no dia 9 do
dito mez com lenço de cambraia atado na
cabeça huma Ropinha azues hum
coeiro, cor de cafe e hum dado para
Senal

1835

Manuscrito e dado
Papel e marfim
Portugal, 1835

Lisboa 31 de Março de 1840 Nesse
dia pelas 7 horas da manhã carinhosa
Cai Balsada e Senhora Doutora
Jinoas q. Deus são as seguinte Camisa de pa
no preto tira de Sinho fralda de linho Cueiro
de Flanela Pratilo de Batedor de panos pinta
dado Estilo de Cambraia com Pintas Grandes com
Flores azues Claros Fita a Na Cabeça Pano Toa
de Rabinete Comentinuneiro marneiro Cinza com
xinhos e fita de gravata Lavrada Pratica Bal
Corte Roja no pescoço e Sinal q. este Bilhete Deve
ha Fumia Fita Corte mada com Pintas em
Cruzados e numeros figuras pintadas entrama
Senhor Caiga dos Misericordia e numero da
onq. Mil e oito e ainda e mil Recomendada

Não duvidei Vaidade
mais se finio ainda não
Cai Cortado

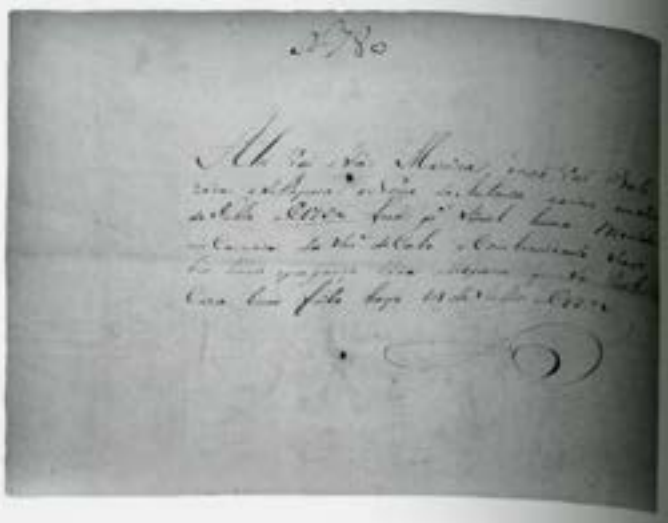
Manuscrito e fita
Papel e seda pintada
Portugal, 1840

Pedese que suponha o nome de Alfredo com de
claração no respectivo assento de nasc.o a 6 de Fevereiro
de 1845 junto aeste vae metade da carta 8 de copas
do baralho azul ficando em poder da Mãe da enfan
ca a outra metade, assim como huma copia des-
te bilhete para atodo o tempo servirem como sig-
naes verdadeiros não havendo duvidas para o efeito
quando por ventura se reclame este esposto.

Manuscrito e fragmento de carta de jogar
Papel e cartão
Portugal, 1845

Catálogo

1. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fita
Papel e seda
Portugal, 1790
Dim. 15 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 780 – 1790; proc.º de restauro 157



«Medida» em seda pintada e prateada respeitante a Nossa Senhora do Cabo. É frequente aparecerem este tipo de fitas nos sinais, as quais correspondem à altura da imagem de devoção.
Neste sinal regista-se a especial preocupação de, mais tarde, os pais voltarem à Santa Casa para recuperarem a criança: *Com breuidade Se a-de hir tirar e pagar-çe toda a despeza que eSa Real Caza tiuer feito.*

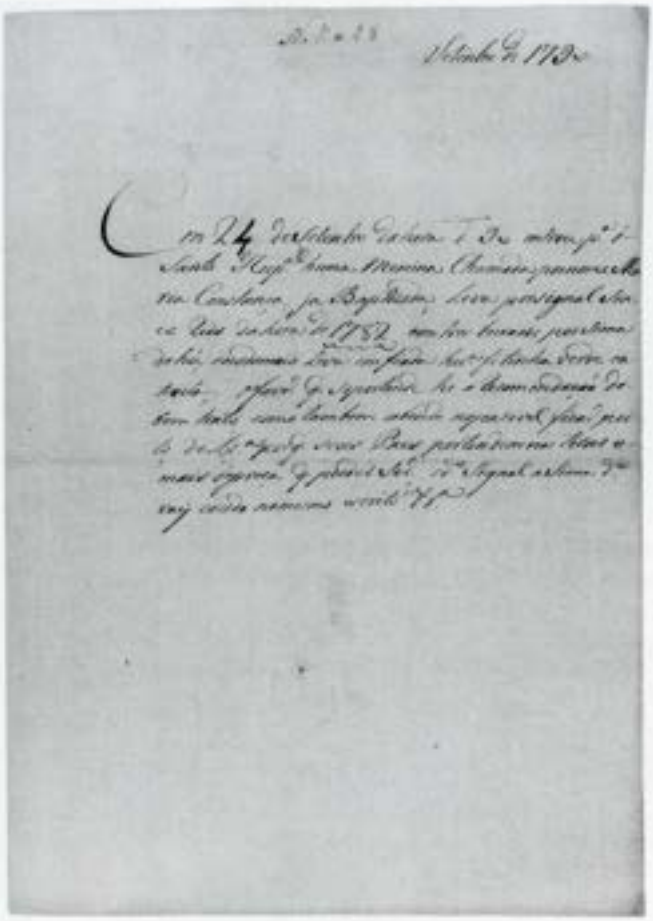
---

2. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito
Papel impresso
Portugal, 1790
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1034 – 1790; proc.º de restauro 160

Certidão de baptismo redigida em folha impressa com brasão da Misericórdia de Lisboa.
Este texto refere que o menino, nascido na noite anterior, terá sido exposto à porta de Maria João, moradora no lugar da Murgeira, em Mafra, tendo sido posteriormente transferido para o Hospital Real de Todos os Santos, após ter recebido o baptismo.

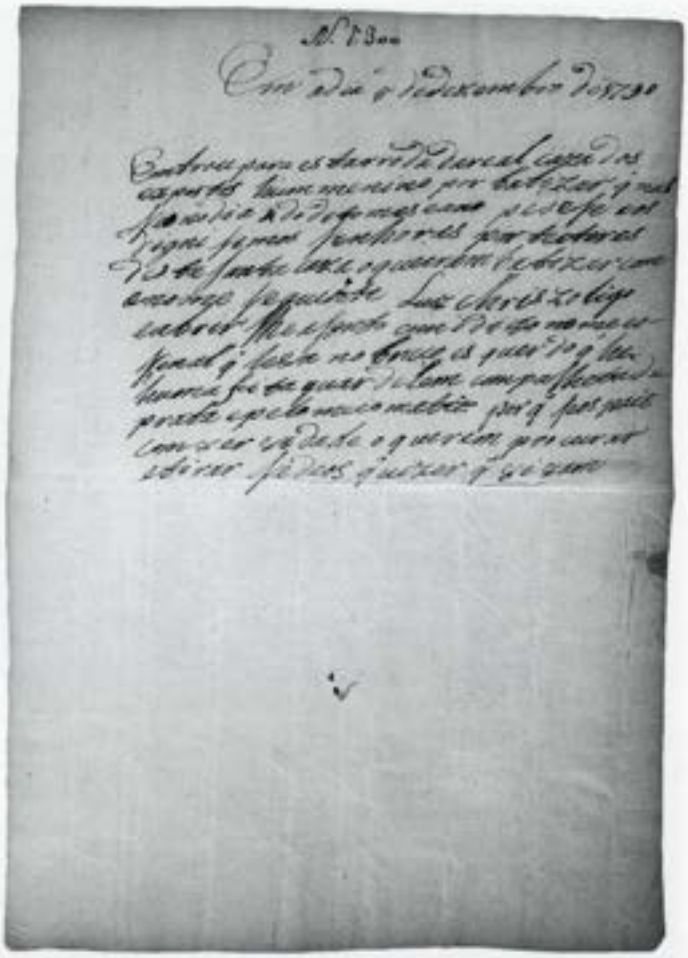
3. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e moeda
Papel, seda e cobre
Portugal, 1790
Dim. 42 x 30 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1048 – 1790; proc.º de restauro 169

O presente documento é acompanhado por um sinal constituído por uma fita de seda verde, ligada a uma moeda em cobre de 5 réis, da época de D. Maria I (1782).
No documento recomenda-se que seja dado um *bom trato* e que a criança seja criada perto de Lisboa, *porque seus Paes pertendem-na tirar o mais depreça que puder ser.*



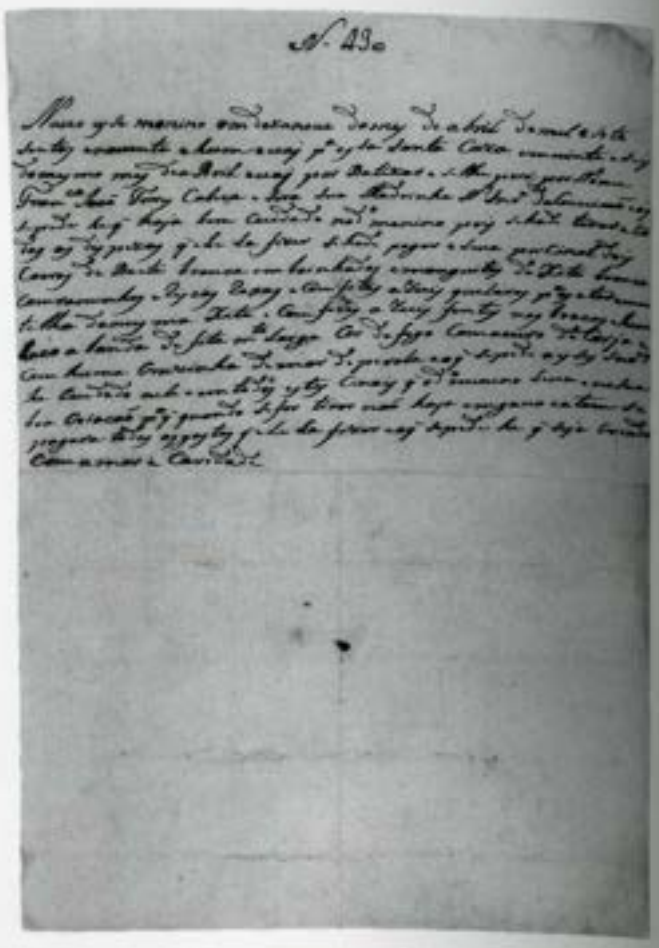
4. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fita
Papel, seda e prata
Portugal, 1790
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1300 – 1790; proc.º de restauro 162

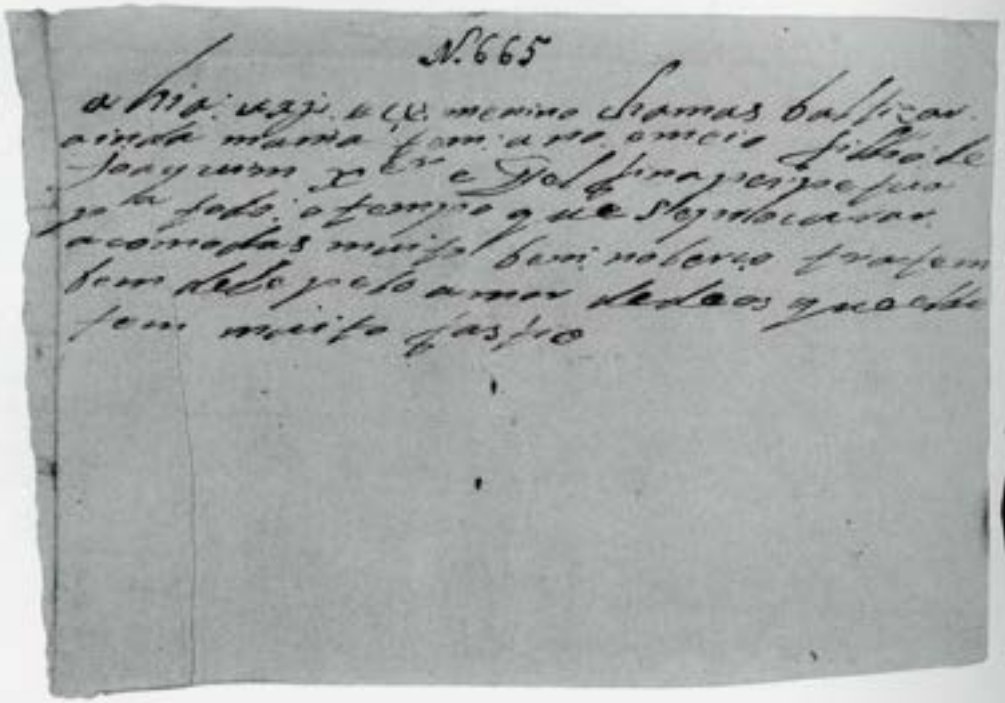
Sinal composto por uma fita de seda decorada com fios de seda e de prata.
O texto descreve o sinal que acompanhava a criança e pede que a mesma venha a receber o sacramento do baptismo.



5. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, laço e cruz
Papel, seda e madrepérola
Portugal, 1791
Dim. 31 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 430 – 1791; proc.º de restauro 176

Laço em fita de seda de cor rosa, acompanhada por uma pequena cruz de madrepérola.
Neste «escrito», enriquecido com a descrição do vestuário da criança enjeitada, os pais manifestam simultaneamente o desejo de que esta seja baptizada sob a protecção de Nossa Senhora da Conceição, bem como a pretenção de vir retirar a criança, comprometendo-se a pagar todas as despesas *e o que se pede he que seja Criado Com amor e Caridade.*



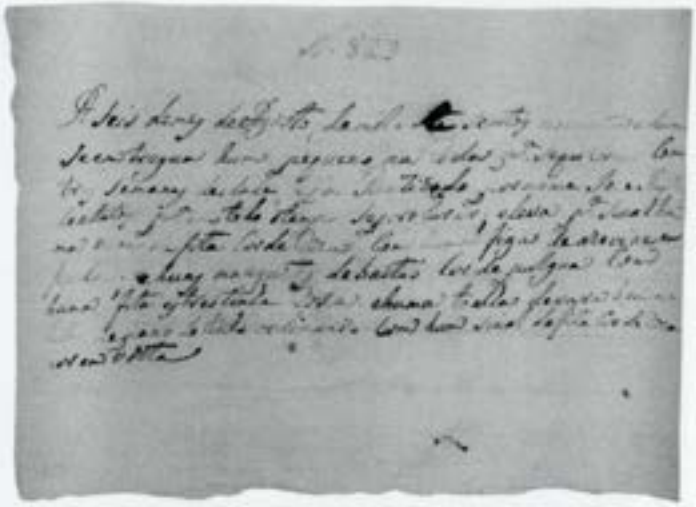


6. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e medalha
Papel, seda e prata
Portugal, 1791
Dim. 17 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 665 – 1791; proc.º de restauro 177

Fita de seda com uma medalha de prata representando S. Jorge envolto num coração.
O texto informa o nome dos pais, os quais recomendam que *tratem bem dele pelo amor de deos que elle tem muito fastio.*

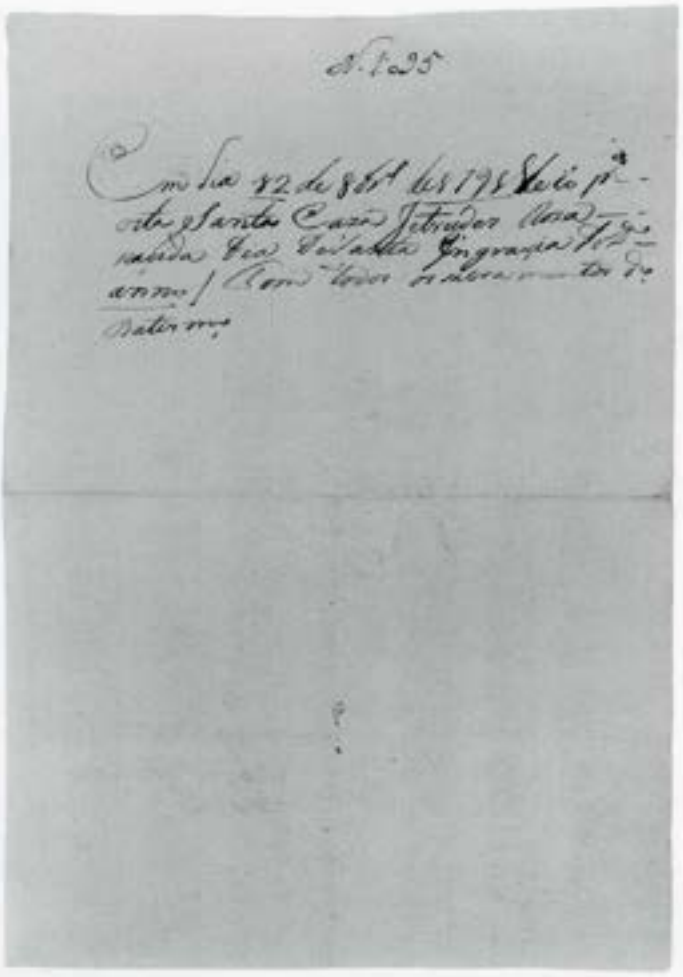
7. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e figa
Papel, seda e tartaruga
Portugal, 1791
Dim. 15 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 829 – 1791; proc.º de restauro 180

Este sinal é composto por uma fita de seda cor-de-rosa, uma figa e um «escrito», onde se refere que a criança já tinha recebido o baptismo e que ia ser entregue, acompanhada por *huns manguitos de baitião cor de pulgua*.



8. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e amuletos
Papel e prata
Portugal, 1791
Dim. 31 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1095 – 1791; proc.º de restauro 181

O sinal é constituído por duas medalhas em prata, uma representando um crescente lunar, com a abreviatura *IHS* (Jesus), e a outra em forma de sino-saimão. No papel, denota-se facilmente a existência de uma marca de água (cavalo).
Como testemunha o presente caso, alguns sinais apresentam objectos de maior valor pecuniário, executados em ouro, marfim, tartaruga, madrepérola ou outros materiais.

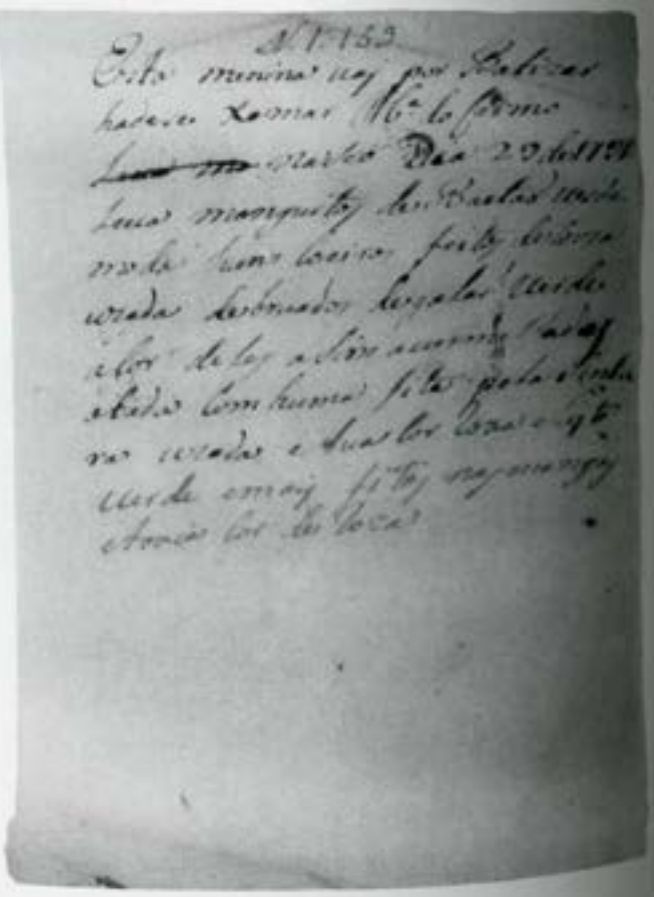


9. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e medalha
Papel, linho e prata
Portugal, 1791
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1144 – 1791; proc.º de restauro 182

Sinal formado por uma fita de linho e uma medalha em prata, representando a figura de Santo António.
O documento, redigido em papel azulado, menciona que a criança é filha de *llegitimo matrimonio*, mas como os pais *sam muito pobres e sua maj não tem llejte pera o criar por mollestias que padese*, têm de a enjeitar.

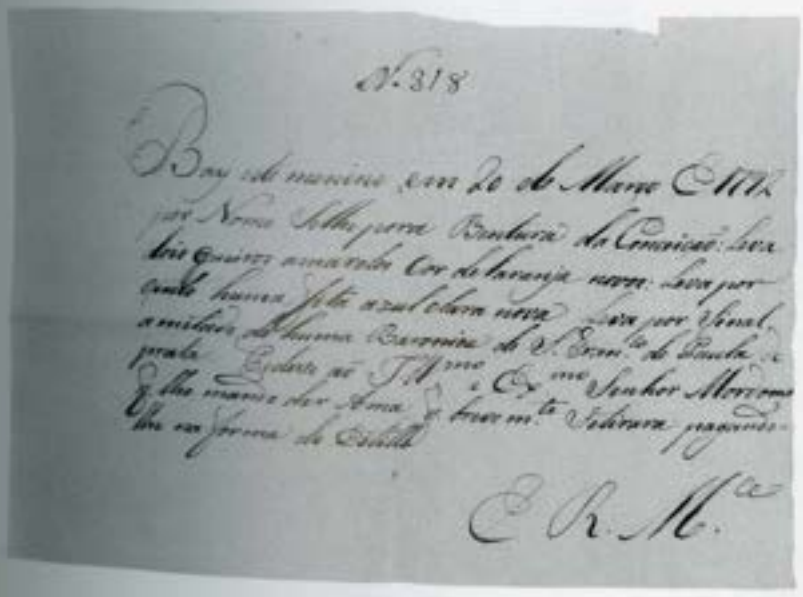
10. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e medalha
Papel, seda e metal
Portugal, 1791
Dim. 22 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1159 – 1791; proc.º de restauro 183

Fita de seda verde e medalha em metal prateado, representando Nossa S.ª do Rosário do Barreiro, acompanhados de «escrito», onde se refere que a criança ainda não tinha sido baptizada.



11. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e amuleto
Papel, seda e madrepérola
Portugal, 1792
Dim. 31 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 147 – 1792; proc.º de restauro 185

Fita de seda verde associada a um elemento de madrepérola em forma de peixe. Tal como o texto indica, a criança leva *hum pexinho de madre perola no brasso direito Com huma medida uerde a que lhe ca fica he outro peixe maiorzinho.*



12. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e fragmento de medalha
Papel, seda e metal
Portugal, 1792
Dim. 15 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Bibliotecada Misericórdia de Lisboa
Cota nº 318 – 1792; proc.º de restauro 186

O presente sinal é constituído por um laço em fita de seda rosa e parte de uma medalha de S. Francisco de Paula.
No texto, os pais referem que a criança iria ser brevemente retirada, comprometendo-se, para o efeito, a pagar à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa as necessárias despesas.

13. SINAL DE EXPOSTO
Fragmento de uma gravura impressa
Papel
Portugal, 1792
Dim. 18 x 9 cm
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 679 – 1792; proc.º de restauro 188

A forte religiosidade da população manifesta-se não só na preocupação com o baptismo, mas também em diversos objectos entregues juntamente com o exposto. Neste caso, o sinal é composto por um fragmento de uma gravura impressa representando o Apóstolo São Pedro. Este é um dos casos em que o sinal incompleto deixado junto à criança exposta poderia, mais tarde, vir a ser completado com o fragmento em poder do seu familiar.

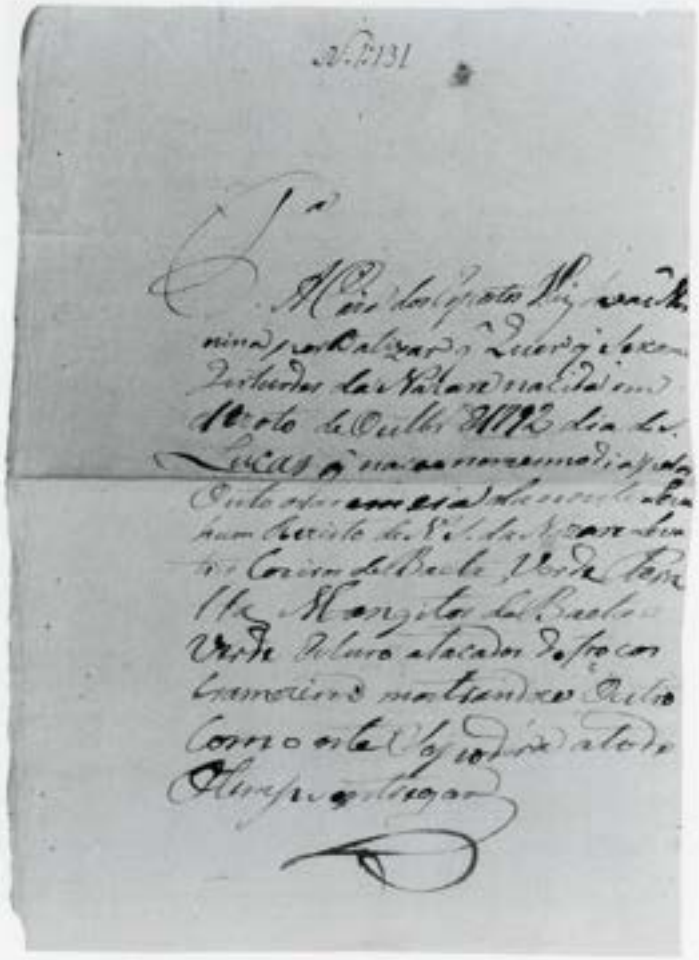
---

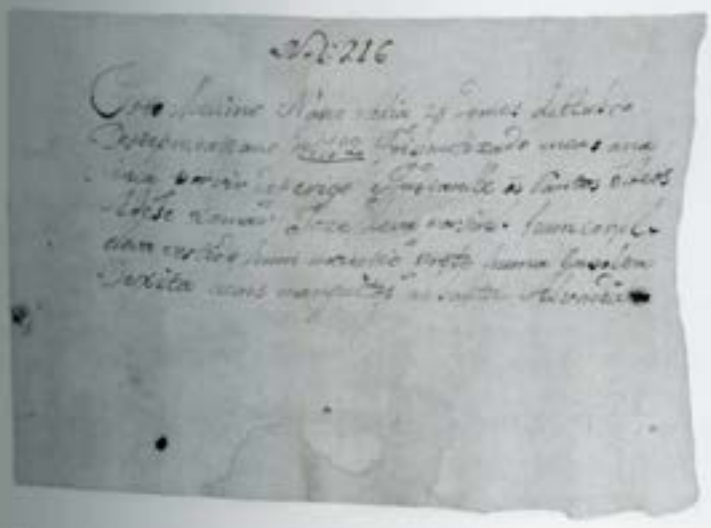
14. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e amuleto
Papel, seda e madrepérola
Portugal, 1792
Dim. 15 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 793 – 1792; proc.º de restauro 190

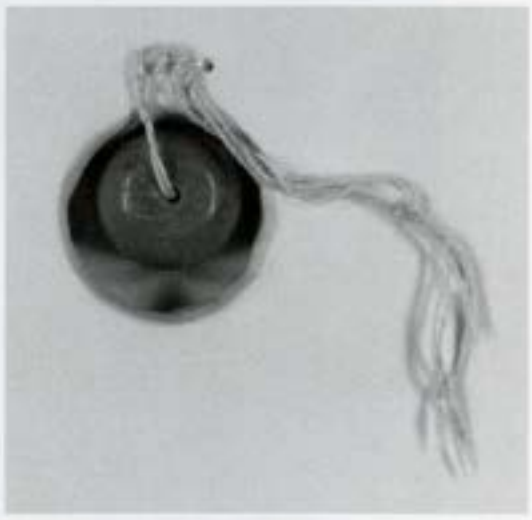
O sinal é formado por uma «medida» de seda encarnada (actualmente rosa) e branca, orlada com bordado mecânico, formando motivos geométricos, e apresentando caracteres pintados que designam Virgem da Nazaré. Como complemento, apresenta ainda um coração de madrepérola com a inscrição *Nunca poyga-me esqueseste*.
Conforme testemunha este registo, o anonimato era, nalguns casos, um aspecto perfeitamente secundário, pelo que se informa que a criança foi baptizada na *Freguesia de Nossa Senhora do Socorro desta çidade*, podendo os progenitores vir a ser facilmente identificados.
Neste caso, a marca de água (cavaleiro), também é visível.

15. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e gravura impressa
Papel
Portugal, 1792
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1131 – 1792; proc.º de restauro 193

Sinal composto por um «escrito» e por uma gravura impressa, representando Nossa Senhora da Nazaré. Este registo faz parte de um extenso conjunto de sinais em que os pais manifestam a preocupação de que o bebé seja baptizado logo que dê entrada na Misericórdia.







16. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e conta
Papel e coral
Portugal, 1792
Dim. 14 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1216 – 1792; proc.º de restauro 194

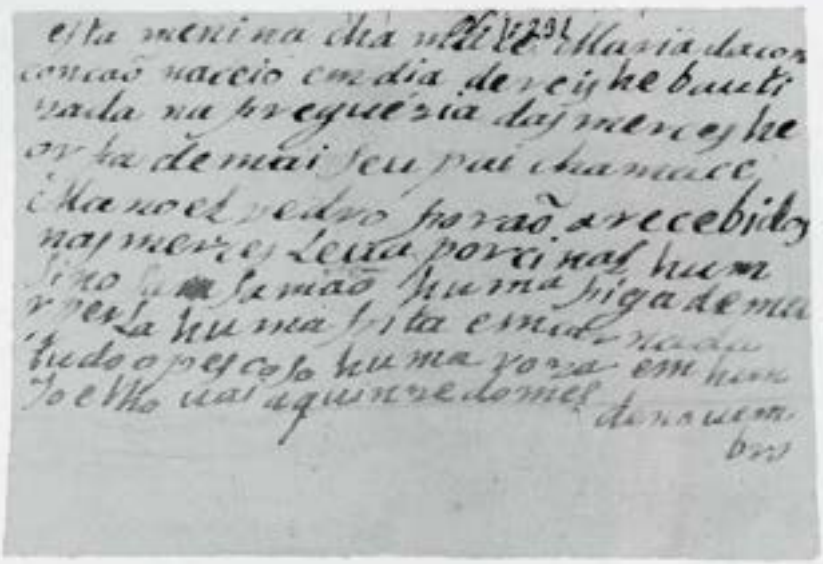
No presente caso, o objecto que acompanha o documento é uma simples conta de coral. Quanto ao manuscrito, este informa que a criança *Foi bautizado en cas'a nasenca por vir de perigo e Faltan-lhe ós Santos ólleos.*

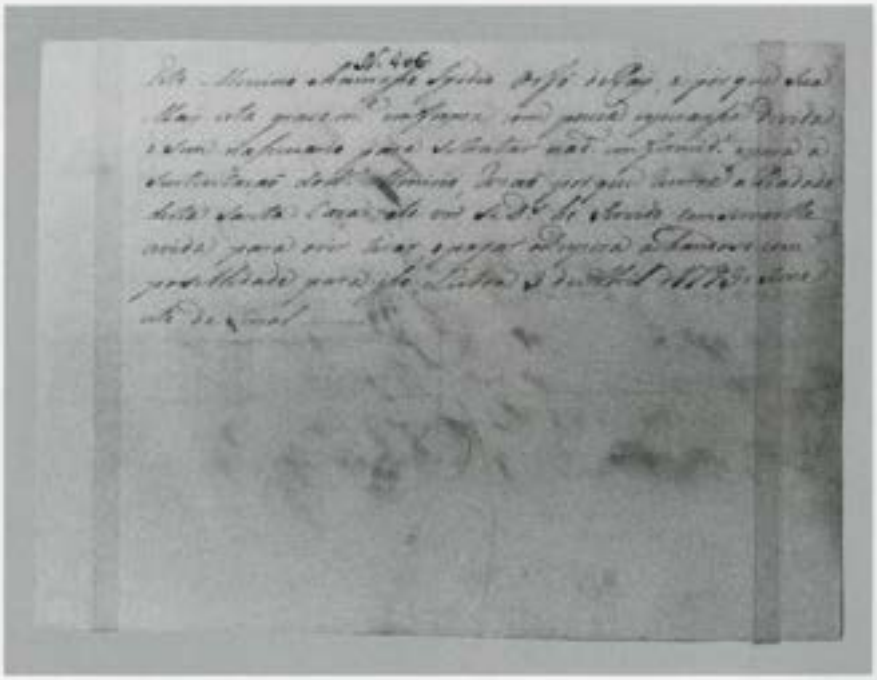
17. SINAL DE EXPOSTO

Manuscrito, amuleto e medalha

Papel, seda, madrepérola e prata
Portugal, 1792
Dim. 11 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1231 – 1792; proc.º de restauro 195

Fita de seda rosa que suporta um sino-saimão de prata e uma pequena figa de madrepérola.
Neste manuscrito informa-se que a criança *naceio em dia de reis he bautizada na freguézia das merces he orfa de mai.*





18. SINAL DE EXPOSTO

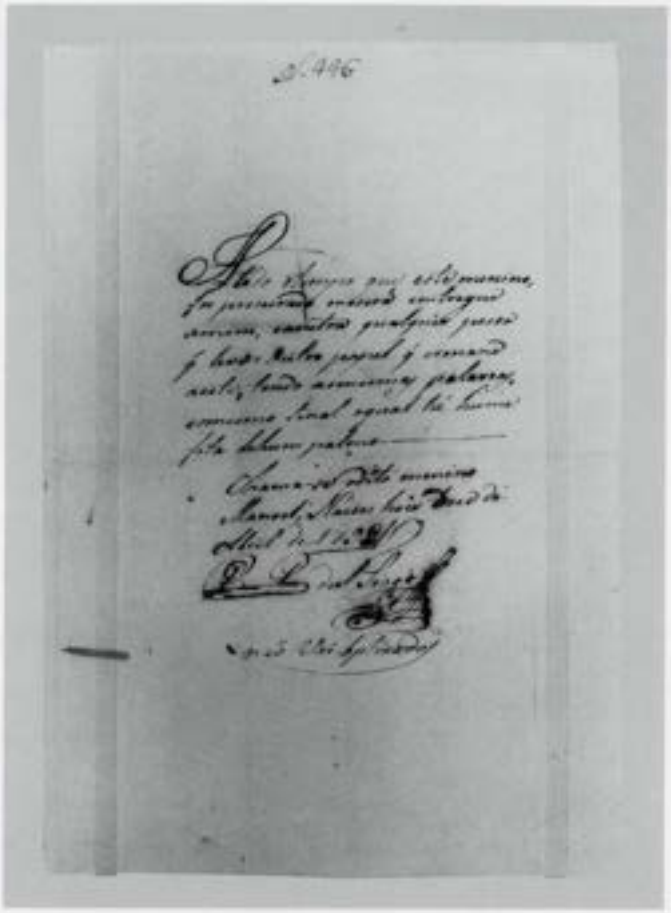
Manuscrito, cordão, medalha e amuleto

Papel, algodão, prata e osso (?)
Portugal, 1793
Dim. 16 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 406 – 1793; proc.º de restauro 216

Cordão que sustenta uma medalha-relicário e um talismã de osso (?).
O texto refere que o exposto é órfão de pai e que a mãe se encontra *gravemente emferma com pouca esperansa de vida.*

19. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fita
Papel e seda
Portugal, 1793
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 446 – 1793; proc.º de restauro 217

Fita de seda pintada sobre bordado mecânico com ornatos geométricos e florais.
O documento refere que os familiares da criança possuem um sinal idêntico, para eventual recuperação do exposto, salientando que a criança não se encontrava baptizada.

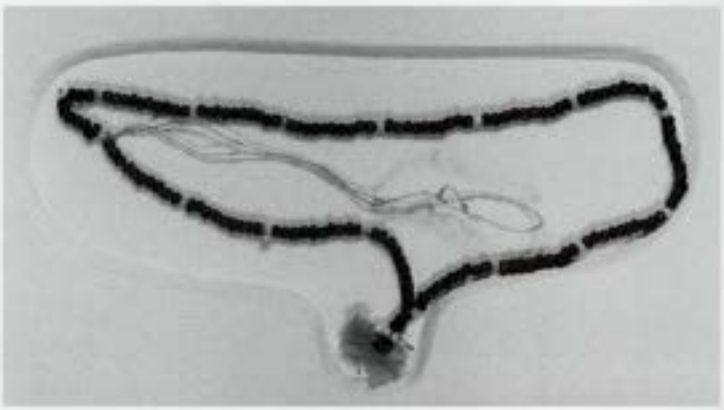


20. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e *breve*
Papel, seda e veludo
Portugal, 1793
Dim. 22 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 460 – 1793; proc.º de restauro 218

«Medida» de seda azul de Nossa Senhora do Rosário, tendo ao centro a imagem da Virgem ladeada dos seguintes caracteres «V. do Rozario». No centro, encontra-se pendente um *brevezinho*, ou seja, um pequeno saco contendo uma oração. Apesar de ainda não ter sido baptizado, o inocente foi entregue juntamente com estes elementos que se destinavam à sua protecção.

21. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e rosário
Papel e missangas
Portugal, 1793
Dim. 11 x 15 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 845 – 1793; proc.º de restauro 220

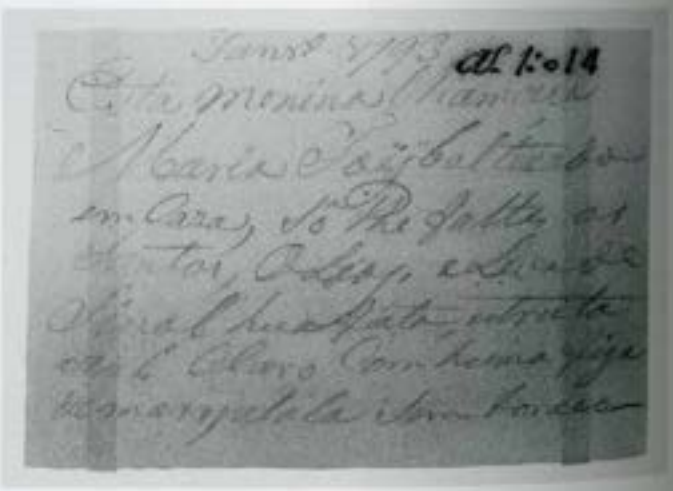
Rosário de missangas de tonalidade preta e branca, acompanhado por texto, em papel recortado, onde se refere que a criança foi entregue sem ter sido baptizada.



---

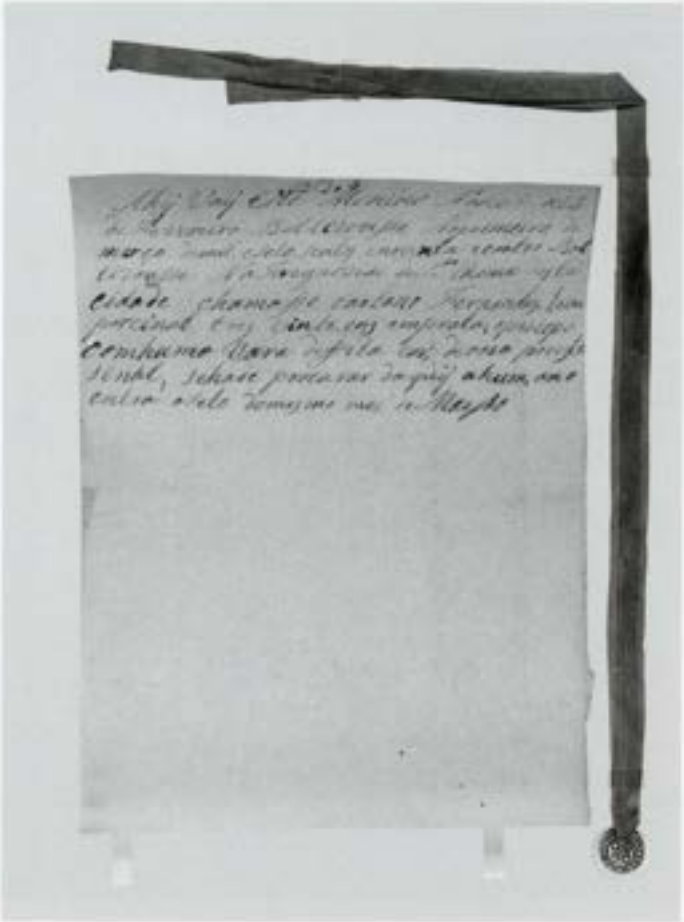
22. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e figa dupla
Papel, seda e madrepérola
Portugal, 1793
Dim. 11 x 15 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1014 – 1793; proc.º de restauro 222

Fita de seda azul e figa dupla em madrepérola, acompanhada de «escrito» indicando que a criança *Foij baltezada em Caza, só lhe falta os Santos Oléos.*



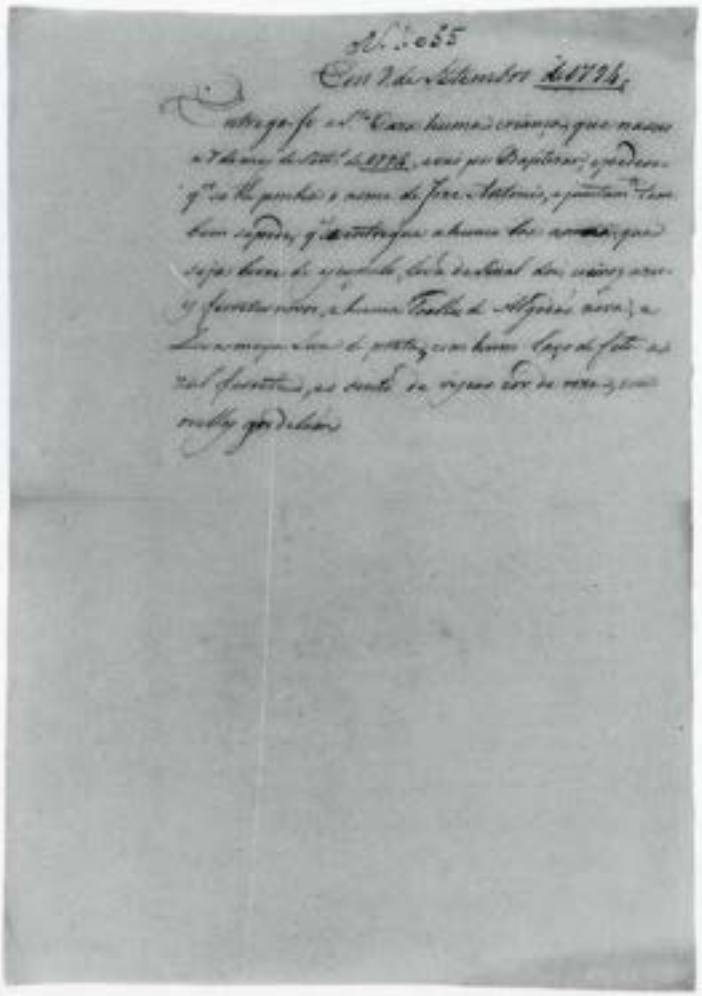
23. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e moeda
Papel, seda e prata
Portugal, 1794
Dim. 28 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 304 – 1794; proc.º de restauro 198

Sinal constituído por fita de seda cor-de-rosa e moeda em prata de três vinténs, da época de D. João V.
Neste caso, os pais asseguram que *se ha-de procurar* o exposto *daquij a hum ano.*



24. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e amuleto
Papel, seda e prata
Portugal, 1794
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1055 – 1794; proc.º de restauro 199

Laço em fita de seda azul e metade de um crescente lunar de prata.
No documento recomenda-se que a criança, que vai por baptizar, seja *entregue a huma boa ama que seja livre de escupulo,* ou seja, a uma pessoa cumpridora e responsável.



25. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito
Papel e selo lacrado
Portugal, 1795
Dim. 31 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 99 – 1795; proc.º de restauro 202

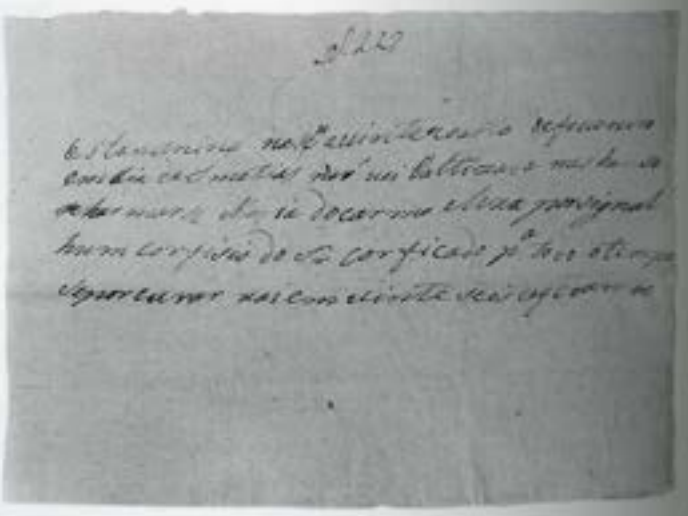
Manuscrito lacrado e carimbado com as iniciais BG circundadas por uma coroa de louros. Contém ainda outros dois carimbos, compostos por um monograma encimado com coroa de conde. Este documento foi redigido antes do bebé ter nascido, propondo nomes consoante o sexo que a criança viesse a ter. Neste caso, como em muitos outros, os pais recorreram a uma terceira pessoa para elaborar o texto, o que se explica pela elevada percentagem de analfabetismo da época.

1795
O nome de for menina
Brizida Gomes Garcia
1795 N.º 99
Se for menino
Fran.co Ignacio da Com.ca

---

26. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e medalha
Papel, seda e prata
Portugal, 1795
Dim. 16 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 227 – 1795; proc.º de restauro 203

O texto é acompanhado por uma fita cor-de-rosa da qual pende uma medalha com a inscrição Senhor Jesus da Misericórdia.

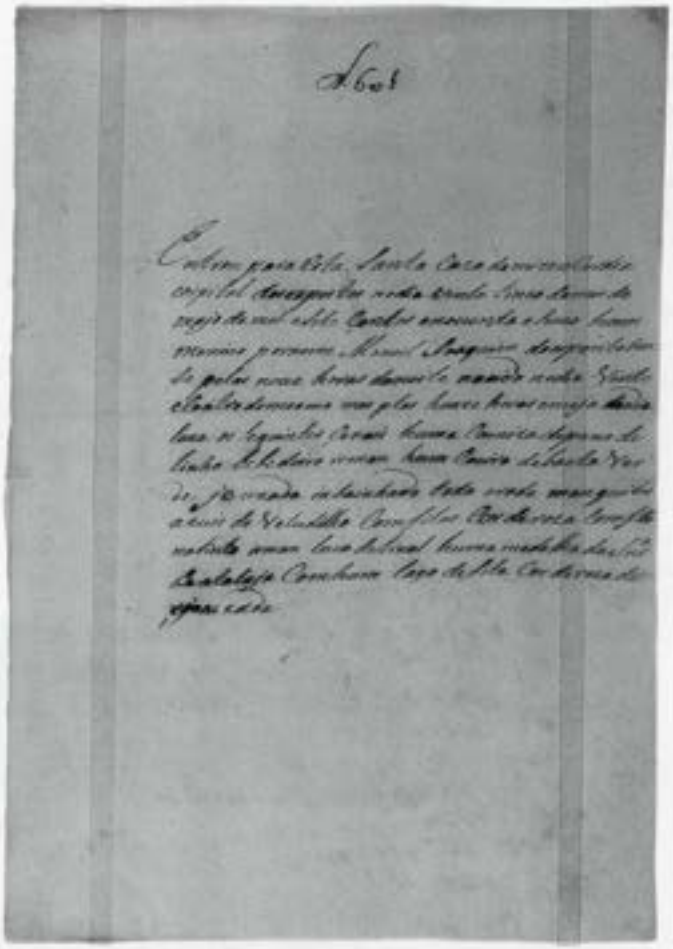


27. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e fragmento de medalha
Papel, seda e metal
Portugal, 1795
Dim. 31 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 559 – 1795; proc.º de restauro 205

Fita em seda cor-de-rosa que sustenta um fragmento de uma medalha recortada em formato de crescente lunar.
A medalha que faz parte deste documento é um sinal especial, uma vez que servia para *ajustar com a parte, que lhe falta*, que ficava em poder dos progenitores.

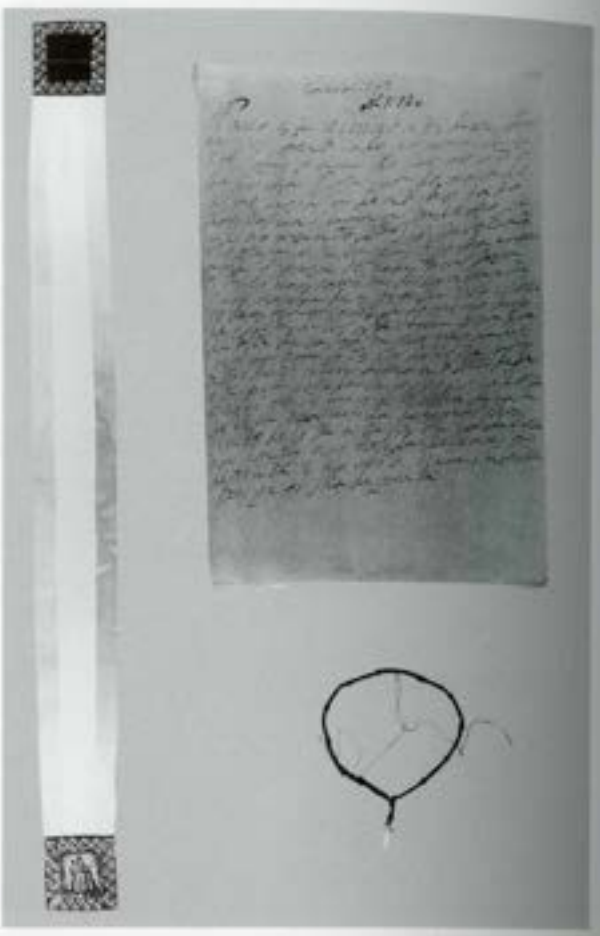
28. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e medalha
Papel, seda e metal
Portugal, 1795
Dim. 31 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 601 – 1795; proc.º de restauro 206

Sinal composto por laço de seda cor-de-rosa e medalha com moldura de metal, contendo duas imagens impressas representando Nossa Senhora da Atalaia.
Neste sinal solicita-se que a criança seja baptizada com o *nome Manoel Joaquim do esperito santo.*



29. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, rosário com cruz e *bentinho*
Papel, seda, missangas e madrepérola
Portugal, 1795
Dim. 31 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1120 – 1795; proc.º de restauro 209

O exposto fazia-se acompanhar de um *bentinho* de Nossa Senhora do Monte do Carmo e de um rosário (actualmente incompleto), com contas pretas e uma cruz em madrepérola.
No documento manifesta-se o desejo de que a criança seja baptizada, solicitando-se que seja madrinha a Virgem do Monte do Carmo.
Entende-se por *bentinho* um escapulário, ou seja, pequeno saco de pano, pendente sobre o peito, no qual se inserem papeis com orações, relíquias ou outros objectos de devoção.



30. SINAL DE EXPOSTO
Gravura impressa, fitas e medalha
Papel, seda, lantejoulas e prata (?)
Portugal, 1796
Dim. 17 x 11 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1247 – 1796; proc.º de restauro 250

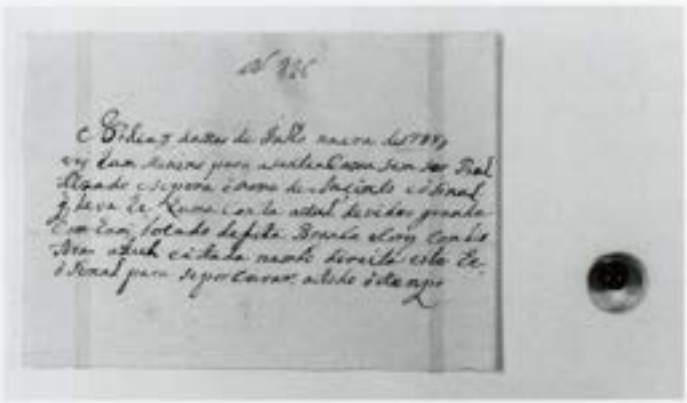
Neste sinal, entrega-se a vida da criança à especial protecção da Mãe do Céu, Senhora da Misericórdia.
O documento é composto por uma gravura impressa em Lisboa, representando Nossa Senhora da Conceição, a qual foi decorada com seda azul, lantejoulas e uma roseta central. Esta gravura é acompanhada por uma «medida» de seda pintada com caracteres dourados, referente à imagem da Virgem da Nazaré, e ainda por uma medalha da Nossa Senhora da Graça da Carnota, pendente de um laço.

31. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e amuleto
Papel, seda e folha-de-flandres
Portugal, 1798
Dim. 16 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 308 – 1798; proc.º de restauro 238

A descrição faz-se acompanhar por um laço de fita de seda e uma âncora, recortada em folha-de-flandres, simbolizando a esperança de uma nova vida para o exposto.

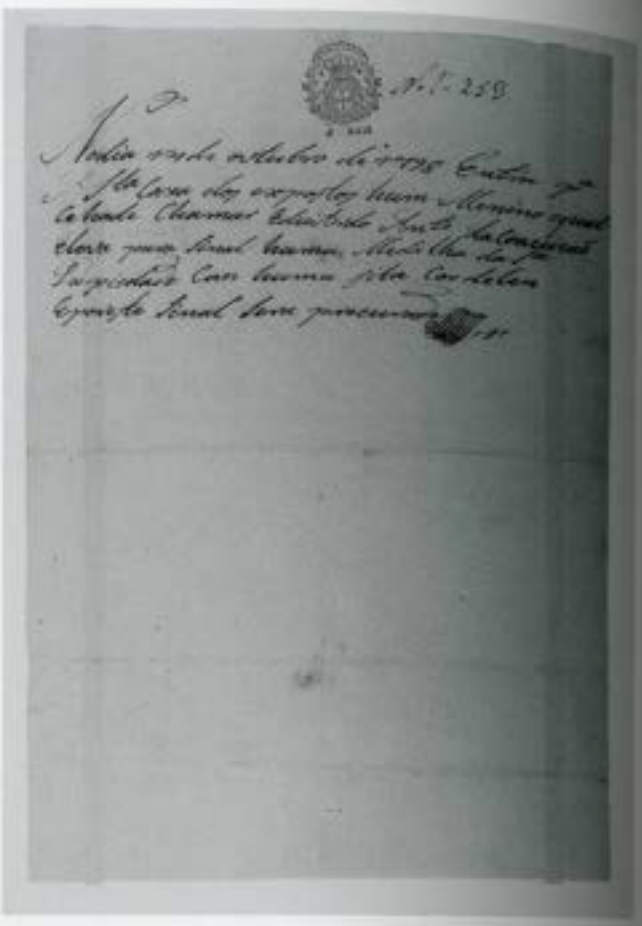
32. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e conta
Papel, seda e vidro
Portugal, 1798
Dim. 16 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 826 – 1798; proc.º de restauro 241

Também neste caso, o próprio texto refere os elementos que acompanharam a criança, ou seja, *huma conta azul de vidro grande com hum bocado de fita Branca e cores com listra azul e àtada na mão direita este he ò sinal para se porcurar, a todo ò tempo.*



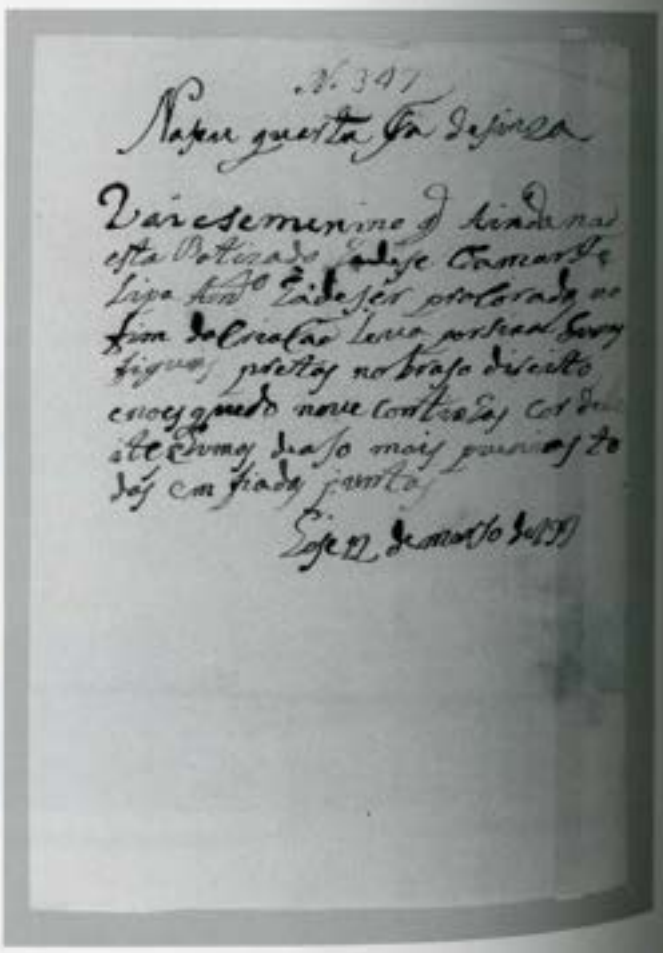
33. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e imagem impressa e emoldurada
Papel, seda e canutilho prateado
Portugal, 1798
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1253 – 1798; proc.º de restauro 245

Manuscrito redigido sobre papel selado, acompanhado por um laço de fita de seda e imagem impressa de Nossa Senhora da Piedade, emoldurada com sugestivos motivos em canutilho prateado.



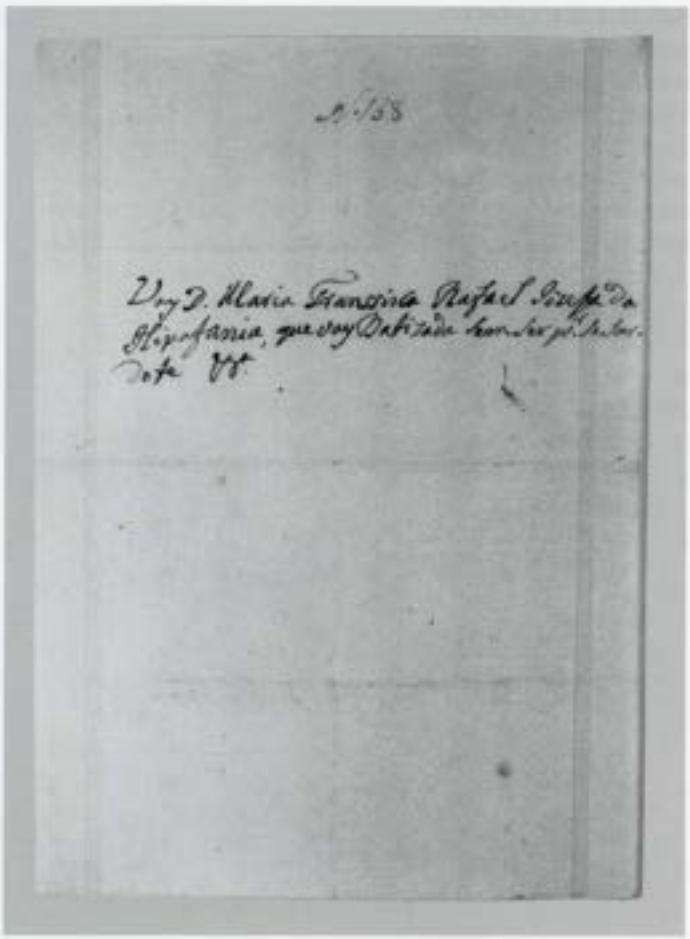
34. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e pulseiras
Papel, missangas, metal, vidro opalino e azeviche
Portugal, 1799
Dim. 22 x 15 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 347 – 1799; proc.º de restauro 257

O «escrito», acompanhado por duas pulseiras de diferentes efeitos decorativos, indica que o exposto iria ser procurado *no fim da CriaCão.*



35. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e gravura impressa
Papel
Portugal, 1801
Dim. 31 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 158 – 1801; proc.º de restauro 269

Gravura impressa em Lisboa, representando o arcanjo São Rafael.
Em casos pontuais, denota-se que a criança poderia pertencer a um grupo social mais elevado. Neste texto refere-se *Vay Dona Maria Franssisca Rafael Juzefa da Hipafania, que vay Batizada sem ser por sesardote. Etc.*

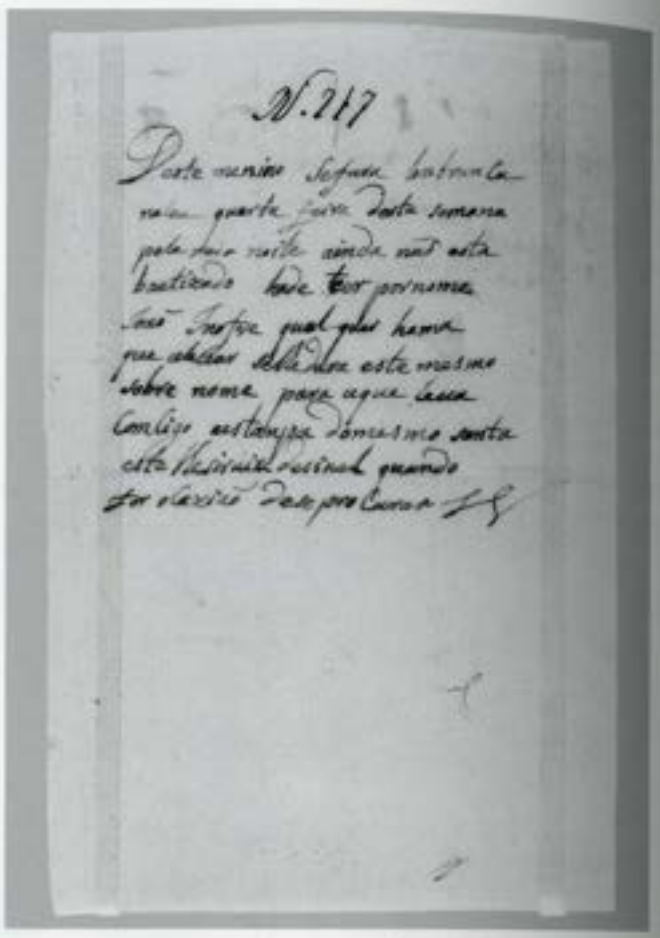


36. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e gravura impressa
Guache sobre papel
Portugal, 1801
Dim. 15 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 174 – 1801; proc.º de restauro 271

Gravura policromada e dourada representando *S. Marcellus*, com tiara e báculo.

37. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e gravura impressa
Papel
Portugal, 1801
Dim. 22 x 14 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 717 – 1801; proc.º de restauro 274

Gravura impressa representando o Senhor Jesus da Caridade e S.to Onofre, da Irmandade do Convento da Santíssima Trindade de Lisboa.
No documento solicita-se que o menino seja baptizado com o nome de João Onofre, fazendo-se assim a associação ao sinal aqui representado.



38. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fracção de bilhete da lotaria
Papel
Portugal, 1813
Dim. 30 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1317 – 1813; proc.º de restauro 232

O «escrito» é acompanhado por um fragmento recortado de *Bilhete da Lotaria a benefício dos cativos de Argel* de 1811 Nº 5067.
Neste caso, solicita-se que o padrinho seja o *official da contadoria da Santa Caza Joze Lionardo de Figueiredo.*

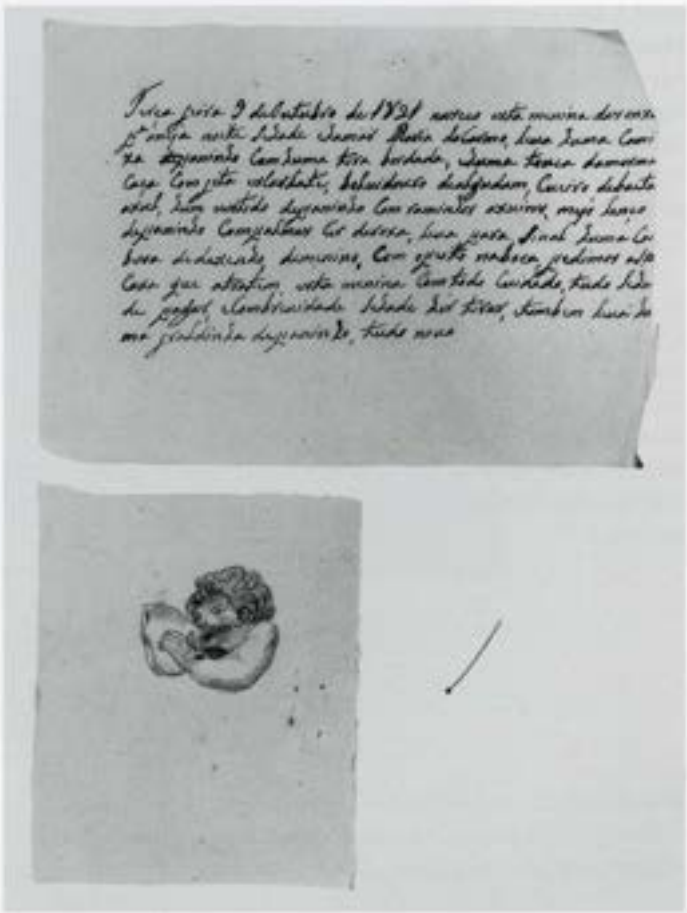
39. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, desenho e fita
Papel e seda
Portugal, 1820
Dim. 22 x 18 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 268 – 1820; proc.º de restauro 319

Este sinal é composto por uma pequena fita de seda azul e por um curioso desenho, executado a lápis de carvão, representando um bebé.
O texto faz a descrição da indumentária que acompanhava a criança, solicitando igualmente que o bebé fosse bem tratado e, por fim, refere *que não estara lá muito tenpo.*

---

40. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e desenho
Papel
Portugal, 1821
Dim. 16 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1379 – 1821; proc.º de restauro 320

O sinal é composto por um desenho, elaborado a lápis de carvão, alusivo à amamentação.
No «escrito» solicita-se à Santa Casa que trate a *menina Com todo Cuidado, tudo Se ha-de pagar, e Com breuidade Se ha-de hir tirar.*



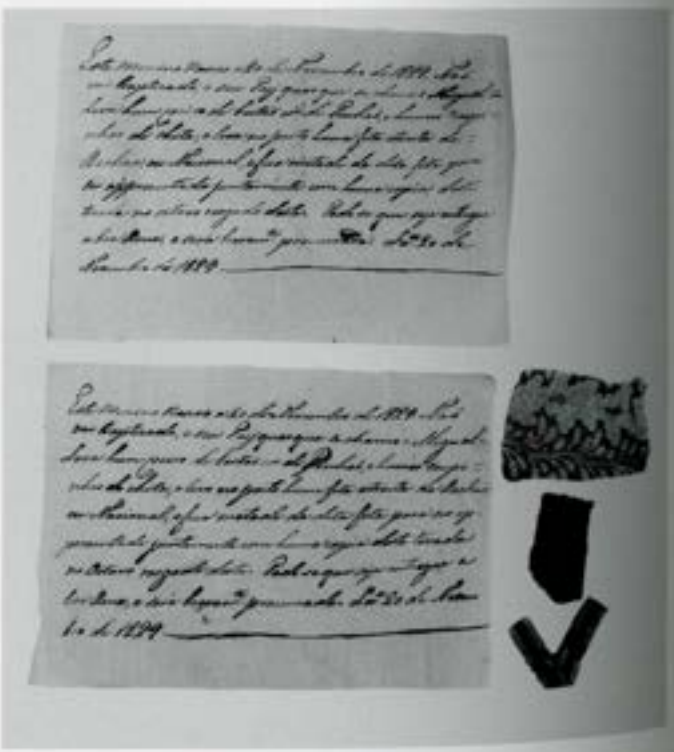
41. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fita e meia
Papel, seda e algodão
Portugal, 1823
Dim. 16 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1122 – 1823; proc.º de restauro 281

Fita de seda e meia branca de algodão, com as iniciais *IAMCSV*, bordadas a ponto cruz.
No presente texto pede-se que a criança venha a ter por nome *Maria Joze Monteira de campos*.

---

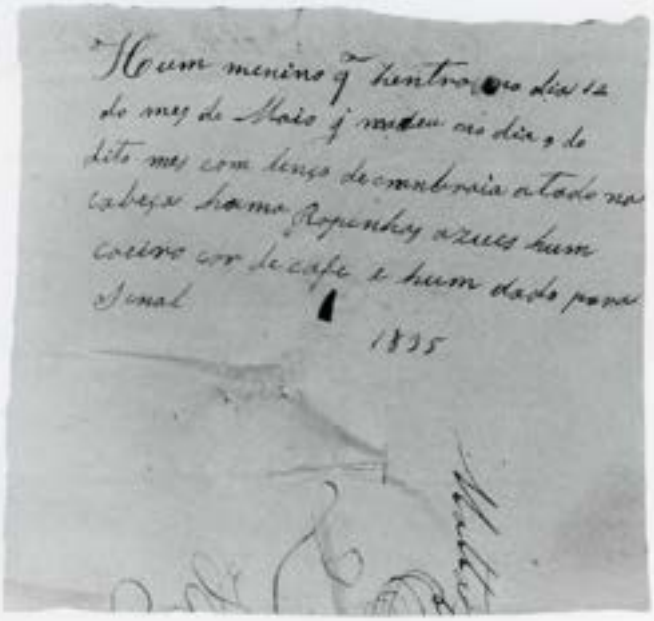
42. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fitas e fragmento de tecido
Papel, seda e lã
Portugal, 1829
Dim. 16 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1609 – 1829; proc.º de restauro 322

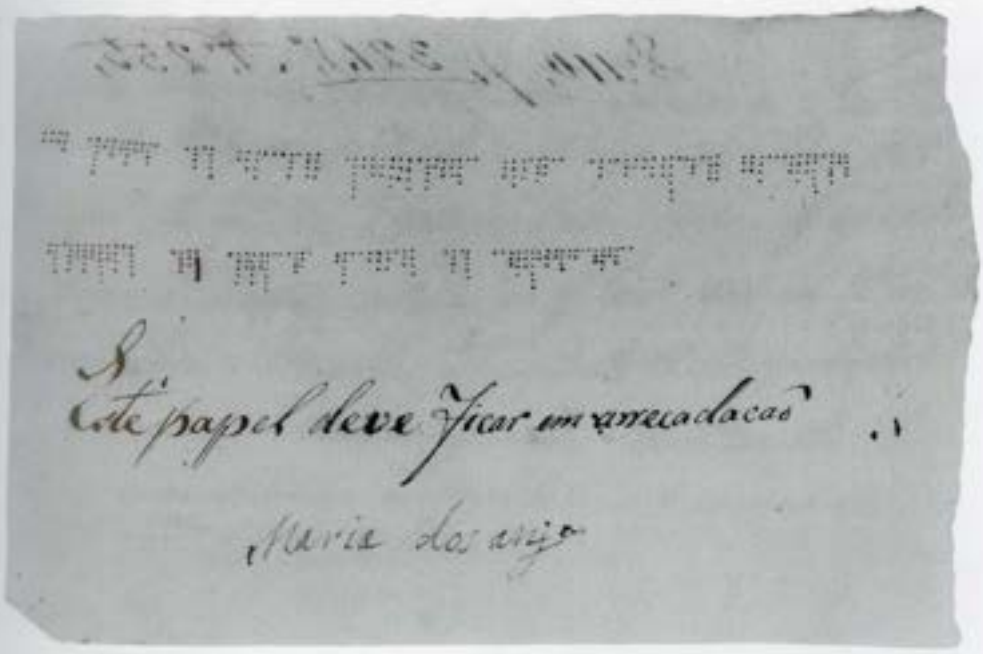
O sinal é constituído por uma pequena fita de seda, e fragmentos de tecido de lã.
Por vezes, os pais vinham reclamar as crianças e traziam documentos iguais aos que tinham deixado junto do seu filho. Neste caso, apesar da apresentação de outro sinal, a criança não foi resgatada porque já tinha falecido, tal como se refere no livro de entradas.



43. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e dado
Papel e marfim
Portugal, 1835
Dim. 14 x 15 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 842 – 1835; proc.º de restauro 323

O sinal inclui um dado em marfim, alusivo a jogo, uma espécie de talismã que pretenderia simbolizar a melhor sorte para o menino exposto.



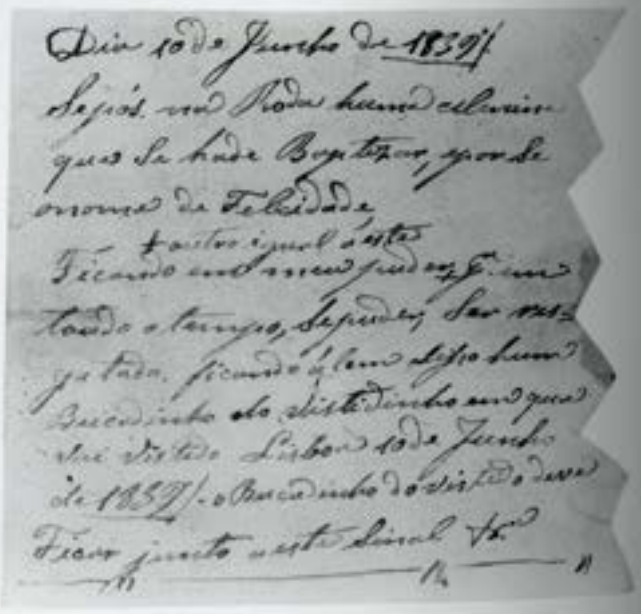


44. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito
Papel
Portugal, 1838
Dim. 11 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 255 – 1838; proc.º de restauro 324

Apesar de não se tratar de um texto em alfabeto *Braille*, é curiosa a semelhança com esta codificação, podendo eventualmente tratar-se, por exemplo, de uma notação musical.

45. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e cinto
Papel e seda
Portugal, 1838
Dim. 12 x 22 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 619 – 1838; proc.º de restauro 325

Neste caso, a criança exposta *Leva para sinal hum sinto Cor de Canella de tafeta Cortado em meia Lua.*

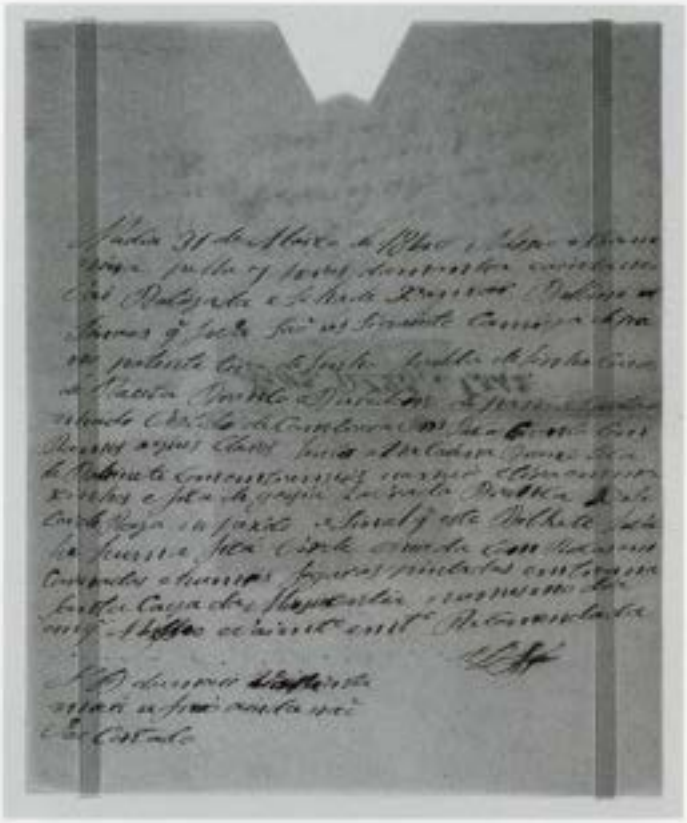


46. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito numa fracção de bilhete de lotaria
Papel
Portugal, 1839
Dim. 10 x 11 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 918 – 1839; proc.º de restauro 326

Parte de uma fracção de bilhete de lotaria com texto no verso.
Tendo a exploração da lotaria sido confiada à Misericórdia de Lisboa pela Rainha D. Maria I, em 1783, com o objectivo de fazer face às graves carências sociais existentes, é curioso que este sinal seja constituído por uma fracção do bilhete da lotaria.

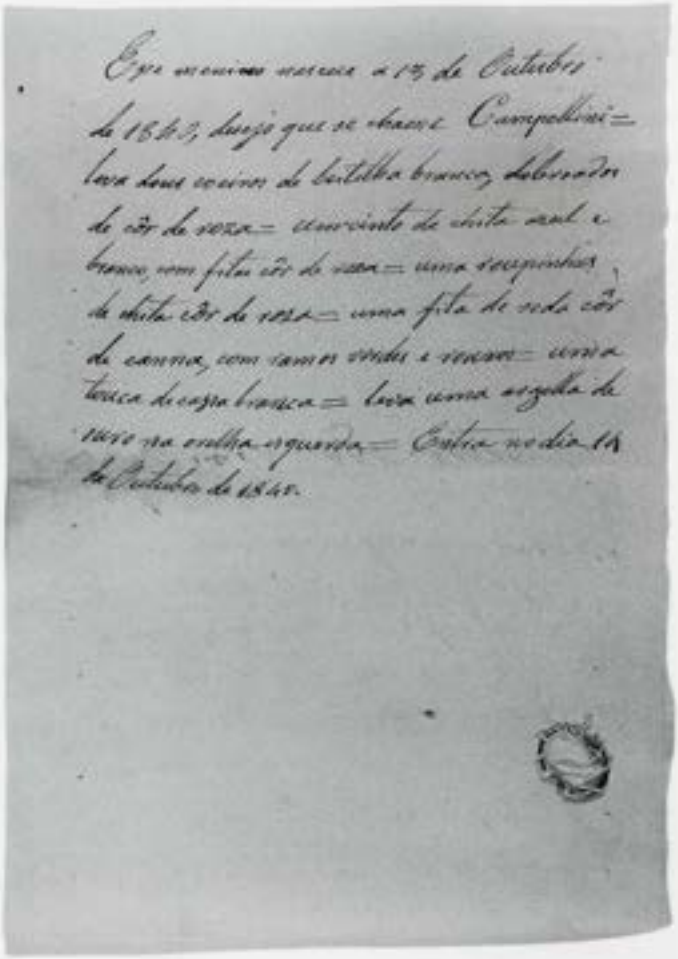
47. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fita
Papel e seda pintada
Portugal, 1840
Dim. 24 x 20 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 542 – 1840; proc.º de restauro 327

Fita de seda pintada com motivos de inspiração oriental.
No «escrito» alerta-se que o freio da criança *ainda não vai cortado*, situação que é registada em diversos sinais. Considerava-se que esta intervenção era fundamental para permitir que a criança viesse a ter uma boa dicção.



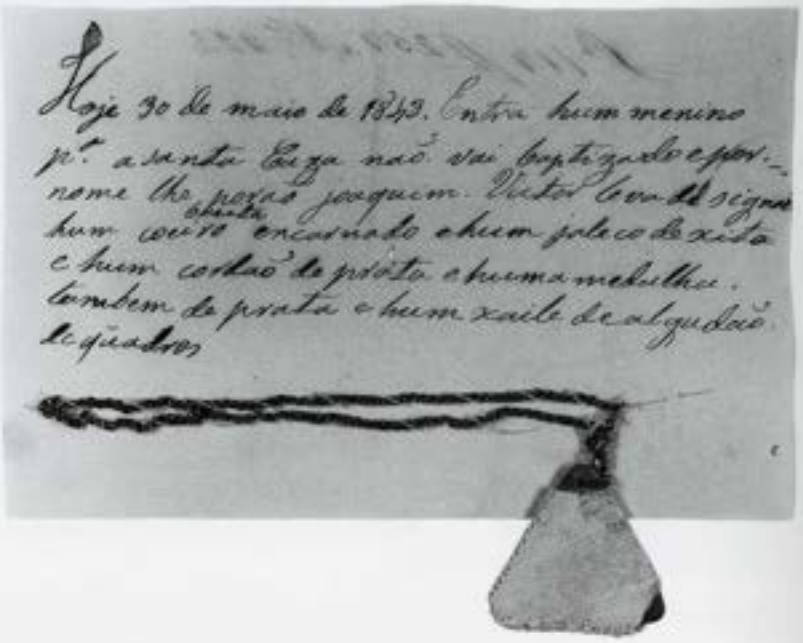
48. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e brinco
Papel e ouro
Portugal, 1840
Dim. 22 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1476 – 1840; proc.º de restauro 328

O objecto que acompanha o documento é um pequeno brinco de ouro em forma de argola.
Apesar de no documento ser manifestada vontade de que a criança fosse apelidada de *Campollini*, o exposto foi baptizado como Coriolano, nome atribuído pela Irmandade da Misericórdia.



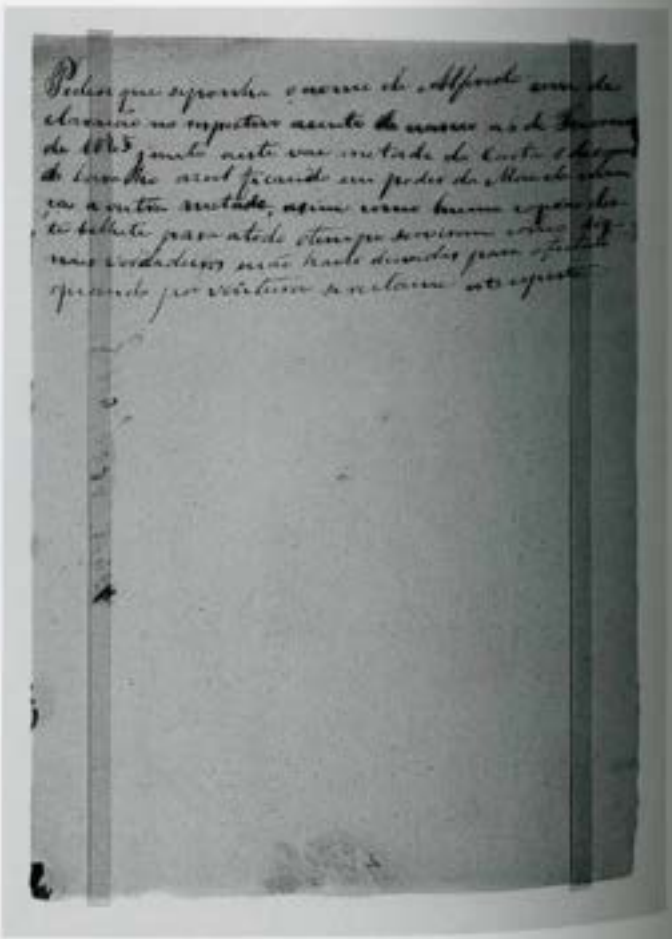
49. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fio e medalha
Papel, prata e cabedal
Portugal, 1843
Dim. 13 x 20 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 922 – 1843, proc.º de restauro 329

Fio e medalha com as iniciais *J.N.H.* e *E.C.* Trata-se de *hum cordão de prata e huma medalha tambem de prata*, envolvida num fragmento de cabedal, tendo por objectivo resguardar o monograma inscrito na medalha.


Hoje 30 de maio de 1843. Entra hum menino
p.ª a santa Casa não vai baptizado e por
nome lhe porão joaquim. Victor Gomes signa
hum couro chuta encarnado e hum peleco de xita
e hum cordão de prata e huma medalha
tambem de prata e hum xale de algodão
de quadros

50. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fragmento de carta de jogar
Papel e cartão
Portugal, 1845
Dim. 22 x 16 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 264 – 1845; proc.º de restauro 330

Neste caso, a criança exposta faz-se acompanhar de um fragmento de carta de jogar: 8 de copas. Em determinadas culturas o número oito simboliza o equilíbrio cósmico e a renovação. A escolha de uma carta do naipe de copas, certamente que também não foi ocasional, representando os desejos de boa sorte para a criança.



51. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fragmento de fita e selo lacrado
Papel, lacre e seda
Portugal, 1854
Dim. 14 x 19 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1913 – 1854; proc.º de restauro 286

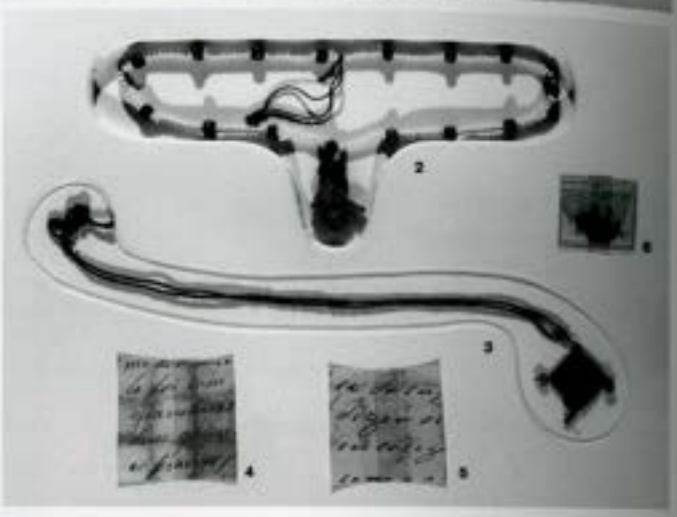
52. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, fragmento de fita e selo lacrado
Papel, lacre e seda
Portugal, 1856
Dim. 17 x 20 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 358 – 1856; proc.º de restauro 287

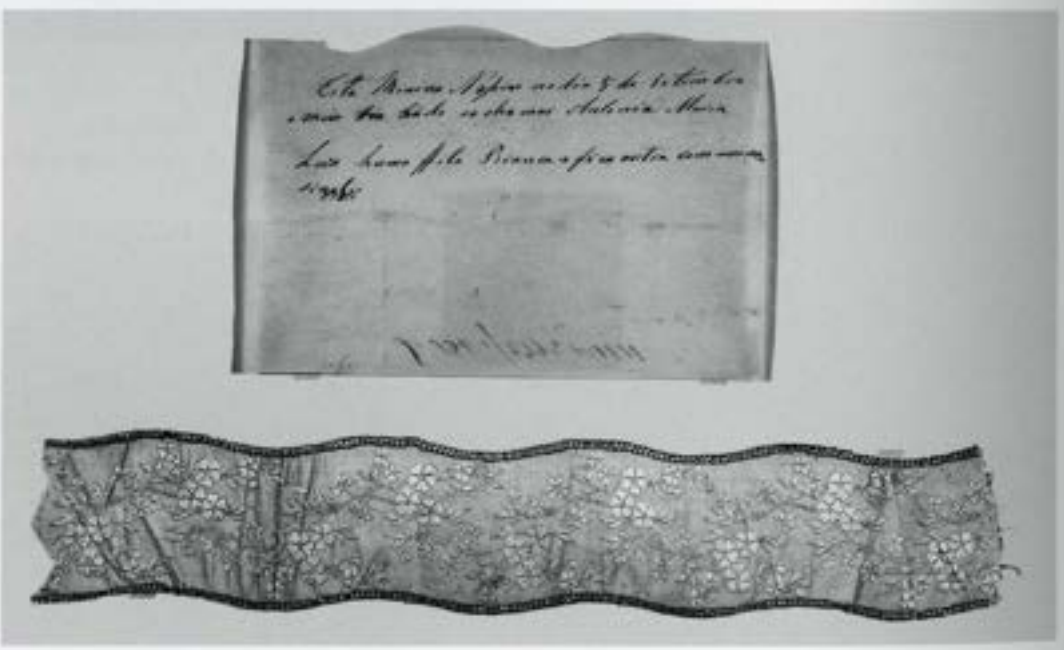
53. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e selo lacrado
Papel e lacre
Portugal, 1859
Dim. 22 x 27 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 963 – 1859; proc.º de restauro 289

Sinais de três irmãos constituídos por fragmentos de fitas de seda lavrada e selos lacrados com as iniciais *CJRS* que correspondem ao monograma do progenitor.
Todos os manuscritos relativos a estes irmãos, têm idênticos textos e caligrafia.
Recentemente foi identificado mais um irmão, entregue na roda em 1853 (sinal n.º 1990), que não foi incluído neste conjunto uma vez que o respectivo documento se encontra em fase de restauro.

54. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, rosário e *bentinho*
Papel, missangas, seda e algodão
Portugal, 1856
Dim. 13 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1732 – 1856; proc.º de restauro 142

O conjunto deste sinal é formado por um rosário de missangas e um *bentinho* de seda, pendente de um fio de algodão. Este *bentinho* foi descosido para análise dos materiais que o compunham: dois pequenos fragmentos de texto manuscrito que continham fibras vegetais (?).
Neste caso solicita-se que a criança seja entregue a uma ama residente em Lisboa, e é referido que a mesma leva uma *arelica do Senhor Santo Christo dos milagres da Ilha de São Miguel e hum rozario.*



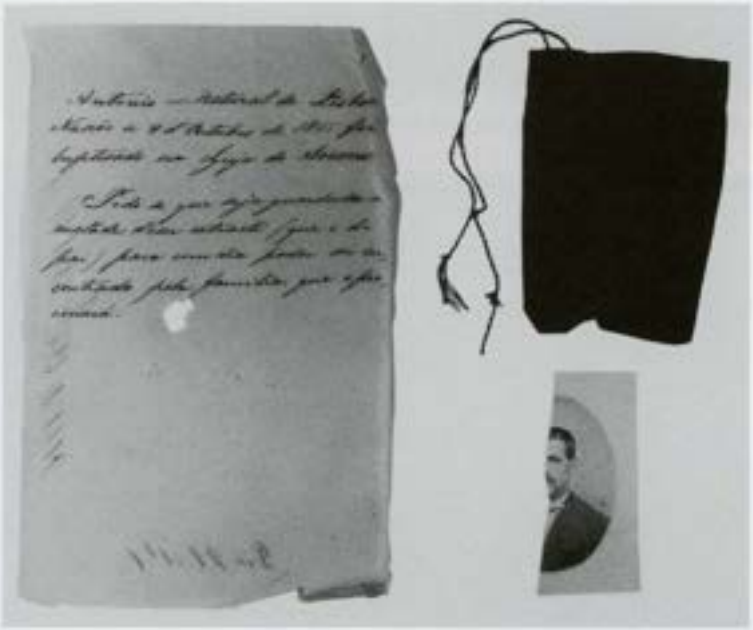


55. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito e fita
Papel e seda
Portugal, 1856
Dim. 14 x 21 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1818 – 1856, proc.º de restauro 143

Fita branca com ornamentações florais e manuscrito redigido sobre folha de papel, recortado na margem superior, de modo a possibilitar o encaixe da outra parte do sinal, que terá ficado em poder dos pais.

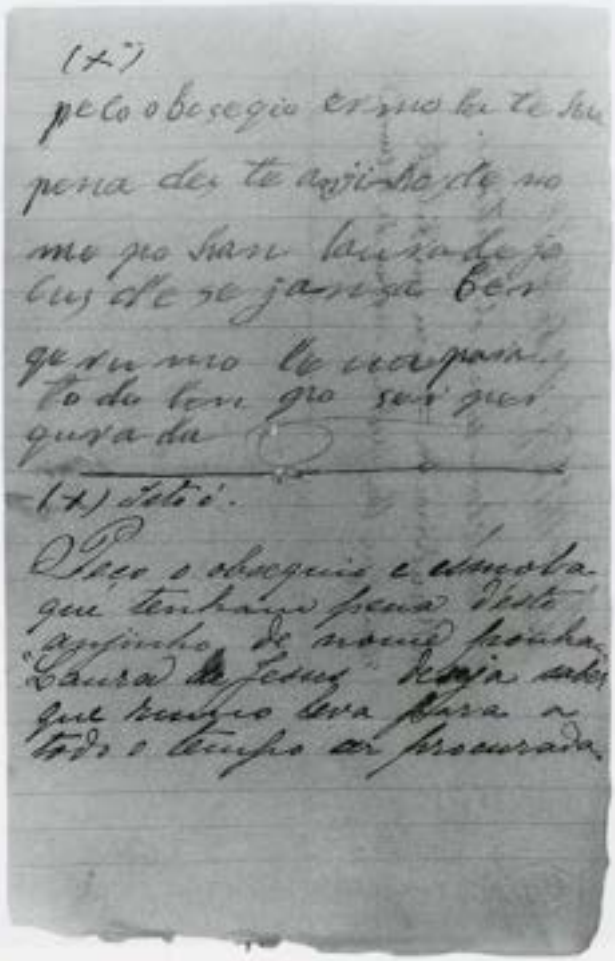
56. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito, bolsa e fragmento de fotografia
Papel e seda
Portugal, 1866
Dim. 22 x 14 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 1916 – 1866; proc.º de restauro 332

Em alguns sinais os pais identificavam-se, referindo nomes, anexando cartões de visita e objectos com monogramas. Possuímos também uma dezena de casos em que a fotografia do progenitor faz parte do sinal, tal como testemunha a presente situação, em que a fotografia recortada terá sido entregue inserida numa pequena bolsa.



57. SINAL DE EXPOSTO
Manuscrito
Papel
Portugal, 1892
Dim. 22 x 14 cm (manuscrito)
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa
Cota nº 98 – 1892; proc.º de restauro 333

Tendo o presente «escrito» sido redigido por um indivíduo sem grande instrução, procedeu-se à transliteração da mensagem.



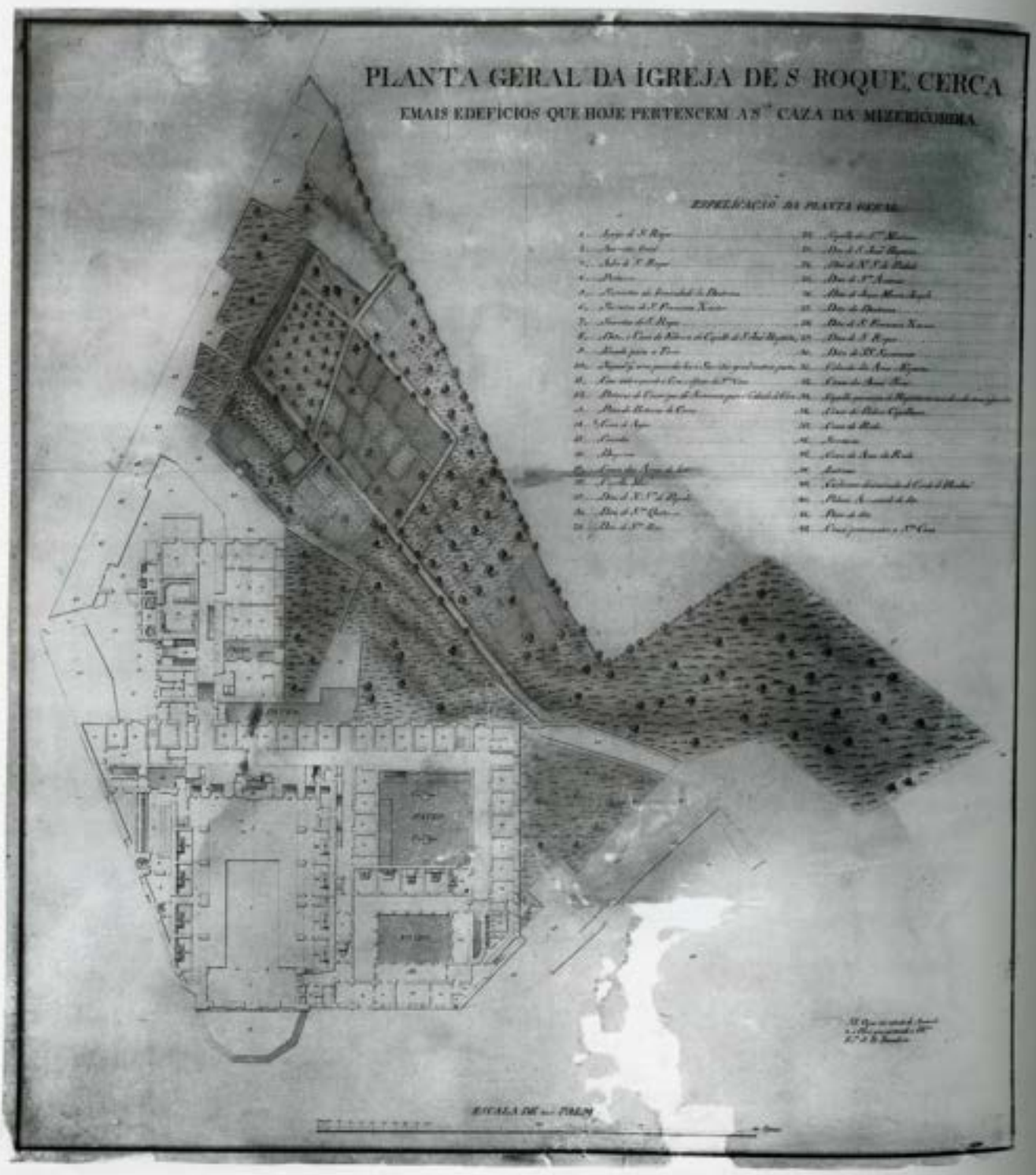
(+)
peço o obsequio em me ter sua
pena de te agradecer de
me ter feito lembrança
Deus de se janeiro bem
que em mo lo acompanha
to do bem que seu quer
que da

(+) Totó.
Peço o obsequio e amabilidade que tenham para Totó
apelido de nome pessoa
"Laura de Jesus" desejo saber
que tempo leva para o
todo o tempo ser procurada.

58. Planta geral do conjunto arquitectónico de S. Roque
Desenho sobre papel
Lisboa, início do século XIX
Dim. 88 x 80 cm
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa

Planta desenhada e aguarelada sobre papel, restaurada em 2000, onde se assinala a localização da roda dos expostos, com a designação *Casa da Roda* (nº 35) e a *Casa da Ama da Roda* (nº 37), tratando-se, esta última, da dependência onde se encontrava a ama que procedia à recolha das crianças depositadas na roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. A referida planta destaca igualmente os cubículos das *amas de leite*, que tinham como missão amamentar as crianças nos primeiros tempos de vida, e das *amas de seco*, que tinham a seu cargo o desenvolvimento educacional dos menores.

Um documento conservado no Arquivo Histórico/ /Biblioteca (doc. de caixa nº 294, de 11 de Setembro de 1813), refere um pagamento de 51$200 reis a atribuir metade ao ajudante Pedro António, e o restante a distribuir pelos dois funcionários que com ele trabalharam neste levantamento.



59. *Recherche de la paternité*
(Procura da paternidade)
Louis-Henri Deschamps (1846-1902)
Óleo sobre tela
França, 1884
Dim. 40 x 71 cm
Convento dos Cardaes, Lisboa

A partir de 1883, este autor pintou diversas obras baseadas nas crianças abandonadas e na juventude seduzida. Nesta pintura representou um bebé envolvido e protegido por um xaile que prendia o respectivo sinal.
Pintura conceptualmente realista, caracterizada pela sobriedade cromática, distinta pelo seu depurado tratamento luminico e pela particular tendência para a estilização, resultando numa harmonia geral com base na depuração dos detalhes.
Esta peça foi exposta em Paris, em 1884, conforme refere o *Livret illustré du Salon:* [...] *Supplément au Catalogue*, e foi exibida recentemente na Exposição dos 500 anos das Misericórdias Portuguesas, no Convento das Mónicas.
A obra foi oferecida ao Convento dos Cardaes pela benemérita S.ª D. Ida Mary Turner Donnat, que adquiriu a tela na década de 1950, em mau estado de conservação, a um antiquário do norte de Portugal.

---

60. Mãe colocando criança na roda dos expostos
Óleo sobre tela
Espanha, século XIX/XX
Dim. 72 x 66 cm
Colecção particular, Porto

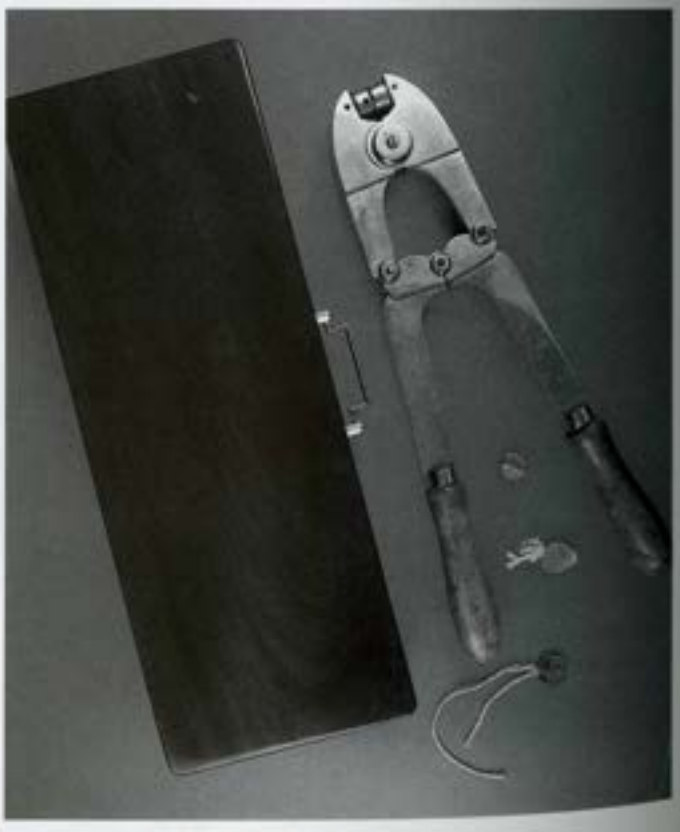
Pintura cujo tema nos apresenta uma mãe no acto de entregar a sua criança na roda dos expostos. A cena é completada por uma caixa de esmolas, sobreposta por uma cruz, com a designação «EXPOSITOS»; à esquerda observa-se uma vista parcial do interior do edifício, onde se situam duas personagens.
Trata-se de uma pintura de inspiração regionalista, de tendência conservadora. A concepção ambiental acentua o carácter dramático do tema, traduzindo-se num jogo de luz/sombra, em que a luminosidade incide na demarcação da criança enjeitada e nas mãos enlaçadas da mãe, esta quase omitida, retratada na zona mais sombria da pintura.
Esta representação de «escola espanhola» traduz a linha pictórica da época, revelando retratos e ambientes impregnados de realismo, animados por uma perícia técnica que mais incide no detalhe do que na forma global do quadro.
Esta obra foi vendida em Outubro de 1996, através da casa leiloeira Palácio Correio-Velho.

61. Enjeitado
José Simões de Almeida (1844-1926)
Bronze
Portugal (Fundição Venâncio), 1918
Dim. 56 x 34 cm
Colecção do Dr. Carlos de Meneses Falcão, Lisboa

Escultura de um jovem, com o colar e a respectiva chapa de identificação de «exposto».
O autor, distinto escultor neo-clássico, foi discípulo de Assis Rodrigues e de Vitor Bastos. Estudou em Paris, onde obteve diversos prémios e medalhas. A sua obra desenvolveu-se em Itália, nomeadamente em Génova e Roma, tendo posteriormente, em 1896, assumido o cargo de Director da Escola de Belas-Artes, em Lisboa.
Artista de elevado mérito, utilizou uma técnica académica impecável associada a um depurado sentido do belo e do equilíbrio das formas.
Da sua vasta obra destacam-se estátuas de personalidades históricas, tais como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Camões, patentes no Rio de Janeiro, e também obras de índole religiosa, sendo célebre o seu «Cristo Crucificado» situado no Mosteiro dos Jerónimos.
A peça em exibição, notável pelas linhas emotivas e suaves, foi vendida em Março de 1998, através da casa leiloeira Leiria e Nascimento L.da.

---

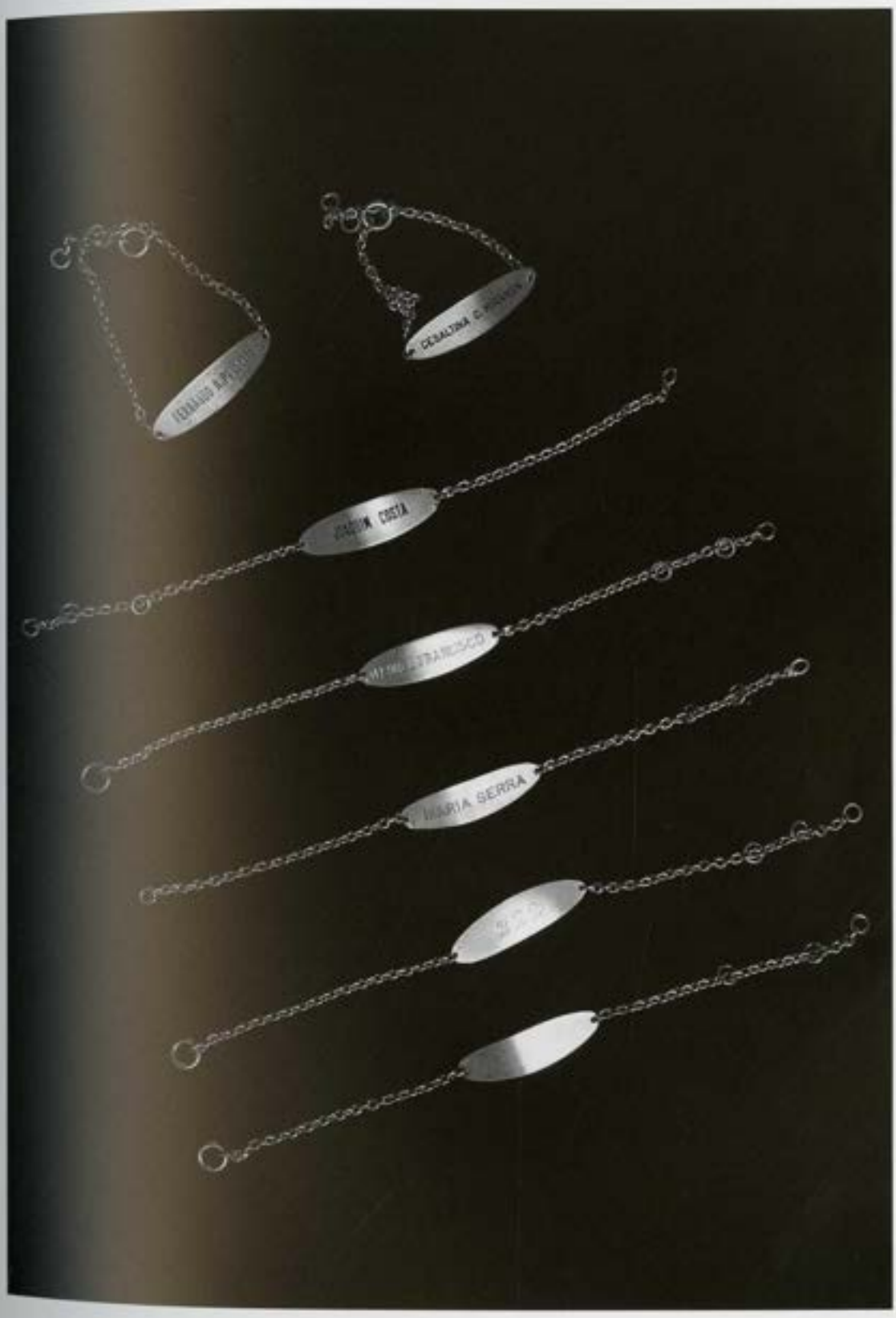
62. Alicate e selos
Ligas metálicas e madeira
Portugal, 1905
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa



O alicate era utilizado para marcação dos selos de chumbo dos colares dos expostos, ficando gravado o número sequencial atribuído a cada exposto. Este sistema servia para referenciar as crianças e para fiscalizar as amas quando estas apresentavam o enjeitado ao inspector da Misericórdia que, por sua vez, verificava se o menor estava a receber um tratamento adequado.
Este material foi adquirido em 1905 por 80 mil reis, porque a anterior *machina de cunhar os sellos* se encontrava deteriorada (livro de Actas de Mesa nº 20, sessão de 30-11-1905, fólio 73).
Estes colares deixaram de ser utilizados por deliberação de 30 de Abril de 1925 (livro de Actas de Mesa n.º 23, página 208).

63. Conjunto de pulseiras
Ourivesaria da Guia–Olinda de Oliveira & Cª Lda
Prata
Portugal, 1956
Dim. 15 cm
Arquivo Histórico/Biblioteca da Misericórdia de Lisboa

Sete pulseiras para identificação de crianças «internadas», com uma chapa oval, onde a Misericórdia mandava gravar o nome e/ou o número atribuído à criança. Estes objectos substituiram o antigo sistema dos colares com selos de chumbo, fazendo parte de um lote adquirido *ao preço mínimo de 7$00 por unidade* [...] (livro de Actas de Mesa n.º 42, 32ª sessão, de 10 de Outubro de 1956, fólio 165, 20º assunto).



Normas de Transcrição

O conjunto documental dos 57 *Sinais de Expostos* apresentados nesta exposição dá-nos a conhecer um universo de escritas utilizadas entre 1790 e 1892, e é demonstrativo dos diferentes níveis culturais dos seus autores. Os textos são ricos em variantes ortográficas de que é exemplo a palavra baptizar e seus derivados - baltizar, bautizar - em formas ortográficas extravagantes como por exemplo xamar por chamar, corficado por crucificado, quelaras por claras, batizapda por baptizada, escupulo por escrúpulo, etc. Na descrição do «enxoval» das crianças expostas, que é feita por vezes com pormenor, a variedade de tecidos, fitas, galões, objectos de adorno e amuletos aparece também grafada com formas ortográficas originais e variadas, como é o caso de: marperla e mar de pérola por madre-pérola. No entanto, como se pretende que os textos dos documentos aqui apresentados sejam entendidos pelo público leitor menos familiarizado com a linguagem escrita dos séculos XVIII e XIX, optou-se por modernizar a ortografia na sua totalidade e introduzir alguma pontuação sempre que esta clarifique o sentido do texto.

As lacunas vão reconstituídas entre parêntesis rectos [ ], bem como a palavra que não foi possível transcrever, por rasura do texto.

Sempre que uma leitura nos parecer duvidosa assinalámo-la com (?).

Os erros não corrigidos vão seguidos por (*sic*).

Para itálico remeteu-se tudo o que não foi escrito pelos autores dos textos (excepto algumas palavras escritas em latim pelos mesmos).

Excepcionalmente transcreveu-se o verso do documento número 57 por este conter informação curiosa, e o dos documentos números 51 e 52, porque os textos continuam para esse lado.

Em notas de rodapé vão informações que facultam a leitura dos documentos.

Filipa Gomes de Avellar

Documento nº 1

Nº. 780

Aí vai essa menina e não vai baptizada. E se lhe porá o nome de Antónia. Nasceu em 6 de Julho de 1790. Leva para sinal uma medida encarnada da Senhora do Cabo. E com brevidade se há-de ir tirar e pagar-se toda a despesa que essa Real Casa tiver feito.
Hoje 14 de Julho de 1790.

Documento nº 2

Nº. 1034

O padre Luís da Silva vigário da colegiada e igreja matriz de Santo André da vila de Mafra atesto que baptizei hoje 16 de Setembro do presente ano de 1790 a António que mostrava ter nascido a noite antecedente, filho de pais incógnitos. E foi exposto à porta de Maria João, viúva, moradora no lugar da Murgeira nesta mesma freguesia. E foi seu padrinho o tesoureiro Joaquim Bernardo. Tem o seu assento no livro nono dos baptizados a fólio 73. E vai remetido para o Hospital Real de Lisboa. O que para constar da certeza do seu baptismo passei a presente que sendo necessário o juro *in verbo sacerdotis*. Era *ut supra*.
O vigário Luís da Silva

Documento nº 3

Nº. 1048

Setembro de 1790

Em 24 de Setembro da era de 90 entrou para o Santo Hospital uma menina chamada por nome Maria Constança, já baptizada. Leva por sinal cinco réis da era de 1782 com três buracos por cima do um, e no do meio leva enfiada uma fitinha verde estreita. O favor que se pretende é a recomendação do bom trato como também, cabendo no possível, ficar perto de Lisboa porque seus pais pretendem-na tirar o mais depressa que puder ser. O dito sinal acima dito vai cosido no mesmo escrito. Etc.

Documento nº 4

N.º 1300

Em o dia 5 de Dezembro de 1790 entrou para esta roda da Real Casa dos Expostos um menino por baptizar que nasceu no dia 4 do dito mês e ano. Pede-se aos digníssimos senhores protectores desta Santa Casa o queiram baptizar com o nome seguinte Luís Crisólogo e abrir-lhe assento com o dito nome. E o sinal que leva no braço esquerdo que é uma fita guardelena(*sic*)[1] com palheta de prata e pelo meio matiz porque seus pais com brevidade o querem procurar e tirar se Deus quiser que vivam.

1. Que tem a cor da flor de linho; que é azul tirante a vermelho. Consultar o mesmo termo nos documentos nºs 24 e 33.

Documento nº 5

Nº. 430

Nasceu esse menino em 19 do mês de Abril de 1791 e vai para essa Santa Casa em 26 do mesmo mês de Abril, e vai por baptizar. E se lhe porá por nome Francisco João Torres Cabeça, e será sua madrinha Nossa Senhora da Conceição. E o que se pede é que haja bem cuidado no dito menino pois se há-de tirar. E todas as despesas que ele lá fizer se há-de pagar. E leva por sinal dois cueiros de baeta[1] branca embainhados e manguitos de chita branca com raminhos e riscas roxas e com fitas azuis claras para os atar. E mantilha da mesma chita e com fitas azuis ferretes[2] nos braços e um laço à banda de fita muito larga cor de fogo com acuso da cor já (?), e com uma cruzinha de madre-pérola. E o que se pede a esses senhores é cuidado a ele e em todos estes sinais que o dito menino leva, e na sua boa criação, para que quando se for tirar não haja engano. E então se pagará todos os gastos que ele lá fizer. E o que se pede é que seja criado com amor e caridade.

1. Tecido de lã ou algodão grosseiro e felpudo.
2. O mesmo que azul escuro.

Documento nº 6

Nº. 665

Aí a vai esse menino chamado Baltazar. Ainda mama, tem ano e meio. Filho de Joaquim Xavier e Delfina Perpétua para todo o tempo que se procurar. Acomodai-o muito bem no berço. Tratem bem dele por amor de Deus que ele tem muito fastio.

Documento nº 7

Nº. 829

A 6 do mês de Agosto de 1791 se entrega um pequeno na roda para se criar com três semanas de idade e já baptizado por nome José Justino de Matos pera em todo o tempo se procurar. E leva para sinal uma vara de fita cor de rosa com uma figa de azeviche[1] enfiada e uns manguitos de baetão[2] cor de pulga com uma fita estreitinha rosa. E uma toalha de vara bem medida de pano de linho ordinário com um sinal de fita cor de rosa por envolta.

1. Substância mineral muito negra e luzidia usada para fazer objectos de adorno.
2. Pano muito grosso.

Documento nº 8

Nº. 1095

Em dia 12 de Outubro de 1791 veio para esta Santa Casa Gertrudes Rosa nascida dia de Santa Engrácia do dito ano. Com todos os sacramentos do baptismo.

Documento nº 9

†

Nº. 1144

Este menino nasceu em 24 de Setembro deste presente ano de 1791, e foi baptizado na igreja pelo pároco. É filho de legítimo matrimónio. Seus pais são muito pobres e sua mãe não tem leite para o criar por moléstias que padece. Chama-se Firmo José. Leva uma saia de chita de salpicos com raminhos encarnados com o pé azul e cinta e manguitos irmãos. Um cueiro de baeta cor de cana com fita a debruado azul ferrete. E de tudo o que leva fica sinal para se procurar a todo o

tempo. Leva também um santo Antoninho de prata. Fica outro papel irmão pelo teor e letra deste e o que tem demais é o dia em que foi baptizado e freguesia e nome dos pais.
Enjeitado em 25 de Outubro de 1791

(rubrica)

Leva mais uma sainha de baeta irmã do cueiro de cor de cana debruada de fita azul ferrete, mais dois pares de manguitos irmãos da saia.

Documento nº 10

Nº. 1159

Esta menina vai por baptizar. Há-de-se chamar Maria do Carmo. Nasceu dia 29 de 1791[1]. Leva manguitos de baetão verde moda. Uns cueiros feitos de coisa usada, debruados de galão verde, a cor deles assim avermelhados atada com uma fita pela cintura usada e sua cor roxa, e lista verde e mais fitas nas mangas e touca cor de rosa.

1. Sem indicação do mês.

Documento nº 11

Nº. 147

Nasceu este menino aos 11 de Fevereiro deste ano presente d[e] 1792. Foi deitado nesta Santa Casa no mesmo dia de tarde, e vai por baptizar. E se lhe porá por nome José. E por sinal leva um peixinho de madre-pérola no braço direito com uma medida verde a que lhe cá fica. E outro peixe maiorzinho de que leva e um cueiro de baeta azul já usado.

Documento nº 12

Nº. 318

Vai este menino em 20 de Março de 1792. Por nome se lhe porá Ventura da Conceição. Leva dois cueiros amarelos cor de laranja novos. Leva por cinto uma fita azul clara nova. Leva por sinal a metade de uma verónica[1] de São Francisco de Paula de prata. Pede-se ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor mordomo que lhe mande dar ama que brevemente se tirará pagando-lhe na forma do estilo.
E receberá mercê.

1. Medalha com a imagem de santo.

Documento nº 13

N.º 679

Jacinta[1].

1. O número e o nome da exposta foram escritos com a mesma letra; verificar a semelhança entre a letra deste documento e a do acrescento feito no documento nº 21.

Documento nº 14

Nº. 793

Aos 30 do mês de Julho de 1792 entrou uma menina na Santa Casa da Misericórdia chamada Maria Bárbara que nasceu em o dia 22 do mês de Junho do dito ano. E foi baptizada na freguesia de Nossa Senhora do Socorro desta cidade de Lisboa. E leva por sinal 3 cueiros de baetão alvadio[1], já velhos, e uns manguitos de chita. E para maior sinal leva um coração e uma medida(?) encarnada e branca.

(rubrica)

1. Tirante a branco.

Documento nº 15

Nº. 1131

Para a Casa dos Expostos vai uma menina por baptizar que quer que se chame Gertrudes da Nazaré, nascida em 18 de Outubro de 1792 dia de São Lucas, que nasceu no mesmo dia pelas oito horas e meia da noite. Leva um registo de Nossa Senhora da Nazaré. Leva três cueiros de baeta verde peralta(?)[1], manguitos de baeta verde escuro atacados de fio cor carmesim. Mostrando-se outro como este se puderá a todo o tempo entregar.

1. Peralta no sentido de janota ? Ver documento nº 10 - verde moda.

Documento nº 16

Nº. 1216

Este menino nasceu no dia 28 do mês de Outubro deste presente ano de 1792. Foi baptizado em cas[a] à nascença por vir de perigo e faltam-lhe os santos óleos. Há-de-se chamar José. Leva por sin[a]l um coral. E leva vestido um mantéu[1] preto, uma envolta de chita, [e] uns manguitos de baeta alvadia.

1. Termo utilizado na Estremadura para cueiro.

Documento nº 17

Nº. 1231

Esta menina chama-se Maria da Conceição. Nasceu em dia de Reis. É baptizada na freguesia das Mercês. É orfã de mãe, seu pai chama-se Manuel Pedro, foram recebidos nas Mercês. Leva por sinal um sino-samão[1], uma figa de madre-pérola, uma fita encarnada tudo ó pescoço, [e] uma rosa em um joelho. Vai a 15 do mês de Novembro.

1. Amuleto formado por dois triângulos, entrelaçados em forma de estrela. Também conhecido como sino-saimão.

Documento nº 18

Nº. 406

Este menino chama-se Egídio [é] orfão de pai. E porque sua mãe está gravemente enferma com pouca esperança de vida e sem necessário para se tratar na dita enfermidade e para a sustentação do dito menino razão porque recorre à piedade desta Santa Casa até ver se Deus é servido conservar-lhe a vida para o vir tirar e pagar a despesa achando-se com possibilidade para isso.
Lisboa, 3 de Abril de 1793. Serve este de sinal.

Documento nº 19

Nº. 446

A todo o tempo que este menino for procurado me será entregue a mim ó a outra qualquer pessoa que leve outro papel que irmane a este, tendo as mesmas palavras e o mesmo sinal o qual é uma fita de um palmo.

Chama-se o dito menino Manuel. Nasceu hoje 12 de Abril de 1793.
B. P. de São Tiago
Não vai baptizado.

Documento nº 20

Nº. 460

Esta menina vai sem baptismo. Seu nome se chamará Ricarda. Leva um cueiro de baetilha[1] e outro de ganga azul, e outro de baetilha branca com salpicos encarnados. E umas roupinhas de baetão cor de laranja e uma medida de Nossa Senhora, [e] um brevezinho[2] de veludo verde.
Hoje 16 de Abril [de] 1793.
Leva uma envolta de durguete[3] avinhado.

1. Baeta fina; espécie de flanela.
2. O mesmo que bentinho.
3. Certa espécie de tecido. No original: droquette.

Documento nº 21

Nº. 845

'Em o dia 21 de Julho dia do anjo Custódio se pôs na Real Casa dos Expostos um menino que nasceu no referido dia e ainda se não baptizou. E vai embrulhado em um cueiro alvadio e uma fita de seda branca.
Lisboa, dito dia de 1793.

(rubrica)

1. Na margem, com a mesma letra que escreveu o número do exposto: Agostinho. Verificar semelhança com a letra do documento nº 13.

Documento nº 22

N.º 1014

Janeiro 1793
Esta menina chama-se Maria. Foi baptizada em casa só lhe falta os santos óleos. E leva de sinal uma fita estreita azul claro com uma figa de madre-pérola sem buraco.

Documento nº 23

Nº. 304

Aí vai este menino. Nasceu a 26 de Fevereiro. Baptizou-se no primeiro de Março de 1794. Baptizou-se na freguesia de Santo Tomé desta cidade. Chama-se Caetano Fernandes. Leva por sinal três vinténs em prata ó pescoço, com uma vara de fita cor de rosa. Por este sinal se há-de procurar daqui a um ano. Entra a 7 do mesmo mês de Março.

Documento nº 24

Nº. 1055

Em 9 de Setembro de 1794 entrega-se à Santa Casa uma criança que nasceu a 7 do mês de Setembro de 1794, e vai por baptizar. E pede-se que se lhe ponha o nome de José António. E juntamente também se pede que se entregue a uma boa ama que seja livre de escrúpulo. Leva de sinal dois cueiros azuis ferrete novos. E uma toalha de algodão nova. E leva meia lua de prata com um laço de fita azul ferrete, e o cinto de riscas cor de rosa com ourelas gordelam(*sic*)[1].

1. Ver nota dos documentos nº 4 e nº 33.

Documento nº 25

1795
O nome se for menina
Brízida[1] Gomes Garcia

1795
Nº. 99
Se for menino
Nº.
Francisco Inácio da Conceição

1. O mesmo que Brígida.

Documento nº 26

Nº. 227

Esta menina nasceu a 24 de Fevereiro em dia de São Matias. Não vai baptizada mas há-de se chamar Maria do Carmo. Leva por sinal um crucifixo do senhor crucificado, para todo o tempo se procurar. Vai em 26 de Fevereiro.

Documento nº 27

Nº. 559

Aí vai esse menino por baptizar. Há-de chamar-se Francisco. Leva por sinal meia lua de prata com meias letras iniciais, cercadura em roda, estrela pela parte de cima e ao lado. Cujo sinal há-de ajustar com a parte que lhe falta que fica em poder. E a fita em que vai enfiada é cor de rosa de vintém.
Lisboa, 13 de Maio de 1795.

Documento nº 28

Nº. 601

Entrou para esta Santa Casa da Misericórdia e Hospital dos Expostos no dia 25 do mês de Maio de 1795 um menino por nome Manuel Joaquim do Espírito Santo, pelas nove horas da noite. Nascido no dia 24 do mesmo mês pelas onze horas e meia do dia. Leva os seguintes sinais: uma camisa de pano de linho, babadoiro[1] irmã, um cueiro de baeta verde já usada embainhado todo à roda, manguitos azuis de veludilho com fitas cor de rosa com fita no cinto irmã. Leva de sinal uma medalha da Senhora da Atalaia com um laço de fita cor de rosa já usada.

1. O mesmo que babador ou babete.

Documento nº 29

Nº. 1120
Na era [de] 1795

Nasceu este menino a 3 de Outubro. Não vai baptizado. Por nome lhe porão Sebastião do Carmo Lírio(?). Madrinha Nossa Senhora do Monte do Carmo. Leva os bentinhos já dotados na sua imagem. Padrinho pede-se ao muito reverendo senhor doutor secretário o seja, e se lhe pede o ponha em boa ama que breve se há-de tirar. Leva estes sinais: camisa de cambraieta[1] guarnecida de espigueta[2]. Volvedouro[3] de esguião[4]. Fralda do mesmo lenço da cabeça de cassa de risca branca. Tira da testa de cassa lisa guarnecida de espigueta com fitos cor de rosa para atar de vintém. A mantilha de baeta branca passada de froco[5] cor de rosa, e cueiros irmãos. A toalha de cassa de risca guarnecida de espiguilha[6]. Cinto de fita atadeira (?) cor de rosa nas pontas

guarnecida de franja de prata e no meio um enfeite de espiguilha de prata.

1. Cambraia ordinária.
2. Galão estreito.
3. O mesmo que babadouro ou babete.
4. Certo tipo de tecido fino de linho ou algodão.
5. O mesmo que floco. Felpa de lã ou seda tecida em cordão ou cortada em bocadinhos depois de tecida e que serve para bordar.
6. Renda estreita com bicos ou pontinhas de linho ou seda ou fio de ouro e prata; galão estreito.

Documento nº 30

Sem texto manuscrito.

Documento nº 31

Nº. 308

Entra nesta Santa Casa dos Expostos [a] 9 de Março de 1798 José. O qual foi baptizado na freguesia de São Lourenço. Padrinho o padre José Inácio, o dito menino a 19 de Outubro de 1797.
Vai vestido com dois cueiros, um verde já desmerecido e outro cor de canela. Umas roupinhas de beatilha de seda branca. Leva de sinal uma âncora de folha-de-Flandres, com um laço de fita cor de rosa. Tem o dito laço duas pernas e duas pontas.

Documento nº 32

Nº. 826

No dia 3 do mês de Julho na era de 1798, vai um menino para a Santa Casa sem ser baptizado. E se porá o nome de Jacinto. E o sinal que leva é uma conta azul de vidro grande com um bocado de fita branca e cores com listra azul e atada na mão direita. Este é o sinal para se procurar a todo o tempo.

Documento nº 33

Nº. 1253

No dia 14 de Outubro de 1798 entra para a Santa Casa dos Expostos um menino. O qual se há-de chamar Eduardo António da Conceição. E leva para sinal uma medalha da Senhora da Piedade com uma fita cordelem(*sic*)[1]. E por este sinal será procurado.

1. Ver notas dos documentos nº 4 e nº 24.

Documento nº 34

Nº. 347

Nasceu quarta feira de cinzas.
Vai esse menino que ainda não está baptizado. E há-de-se chamar Filipe António. E há-de ser procurado no fim da criação. Leva por sinal umas figas pretas no braço direito, e no esquerdo nove continhas cor de leite e umas de aço mais pequeninas (?) todas enfiadas juntas.
Hoje, 12 de Março de 1[7]99

Documento nº 35

Nº. 158

Vai dona Maria Francisca Rafael Josefa da Epifânia, que vai baptizada sem ser por sacerdote. Etc.

Documento nº 36

N.º 174

Este menino se há-de chama[r] Ricardo Marcelos. Onde se criar há-de estar este registo que há-de ser o sinal por onde se há-de procurar.

Documento nº 37

Nº. 717

Deste menino se fará lembrança. Nasceu quarta feira desta semana pela meia noite. Ainda não está baptizado. Há-de ter por nome João Onofre. Qualquer uma que o levar se lhe dará este mesmo sobrenome para o que leva consigo a estampa do mesmo santo. Este lhe servirá de sinal quando for ocasião de se procurar. Etc.

Documento nº 38

Livro 63, fólio 196 verso
Nº. 1317

No dia 3ª. feira 14 de Setembro de 1813 foi deixado à porta de um negociante desta cidade de Lisboa um menino que acompanha este bilhete, e que leva os sinais seguintes: um bilhete da lotaria a benefício dos cativos de Argel de 1811, número 5067. Um cueiro pardo atacado com fitas. Um vestido de chita assento preto rosas escuras. Na touca um rigor[1] cor de cana. No cinto uma fita branca lavrada [e] uma toalha de algodão com um sinal azul.
O mesmo negociante roga ao excelentíssimo senhor mordomo da Real Casa dos Expostos o obséquio de o fazer baptizar, e que seja padrinho [o] oficial da contadoria da Santa Casa, José Leonardo de Figueiredo. E se lhe porá o nome de António Filipe para sair para fora.

(rubrica)

1. Expressão minhota para designar fita estreita de veludo que serve para debruar.

Documento nº 39

Esta menina nasceu a 17 de Fevereiro à meia noite em dia de São Faustino. Há-de-se chamar Faustina Esteves. Leva de sinal uma camisa de paninho, dois cueiros, um vestido branco picotado de azul, uma touca de filó[1] de algodão, um xaile branco com riscas de roda, uma fita azul clara atada em um braço toda picada que é o sinal por onde se há-de tirar. E por esta figura que leva de desenho. Pede à Santa Casa que seja bem tratada que não estará lá muito tempo.

1. Tecido aberto e fino como rede.

Documento nº 40

Terça feira, 9 de Outubro de 1821, nasceu esta menina das onze para a meia noite. Se há-de chamar Maria do Carmo. Leva uma camisa de paninho com uma tira bordada, uma touca da mesma cassa com fita escarlate. Babadouro de algodão, cueiro de baeta azul, um vestido de paninho com raminhos azuis, meio lenço de paninho com palmas cor de rosa. Leva para sinal uma cabeça de desenho de menino com o peito na boca. Pedimos à Santa Casa que tratem esta menina com todo cuidado tudo se há-de pagar, e com brevidade se há-de ir tirar. E também leva uma fraldinha de paninho, tudo novo.

Documento nº 41

Esta menina nasceu em 30 de Julho de 1823. Entrou para a Santa Casa no 1 de Agosto. Por sinal leva uma meia com uma fita azul marcada com seis letras: i a m c s u. Por nome há-de-se chamar Maria José Monteira de Campos.

Documento nº 42

Este menino nasceu a 20 de Novembro de 1829. Não vai baptizado e seu pai quer que se chame: Miguel. Leva um cueiro de baetão cor de pinhão, e umas roupinhas de chita. E leva no peito uma fita estreita da realeza, ou nacional, e fica metade da dita fita para ser apresentada juntamente com uma cópia deste tirada no oitavo rasgado deste. Pede-se que seja entregue a boa ama e será brevemente procurado.
Lisboa, 20 de Novembro de 1829

Documento nº 43

Um menino que entra no dia 12 do mês de Maio, que nasceu no dia 9 do dito mês. Com lenço de cambraia atado na cabeça. Uma[s] roupinhas azuis, um cueiro cor de café e um dado para sinal.
1835

Documento nº 44

Texto codificado.
Este papel deve ficar em arrecadação.

Maria dos Anjos

Documento nº 45

Nasceu este menino a 9 do mês de Abril de 1838. Entra na Santa Casa a 15 do dito mês e ano. Leva para sinal um cinto cor de canela de tafetá cortado em meia lua. E quando se procurar se apresentará outro escrito como este com o bocado que levar cortado. Pede-se por favor se lhe ponha o nome de Luís Ernesto Rodrigues.
M. P. Z.[1]

1. Iniciais do nome do autor do texto.

Documento nº 46

Dia 10 de Junho de 1839, se pôs na roda uma menina que se há-de baptizar, e pôr-se o nome de Felicidade. Ficando em meu poder outro igual a este para em todo o tempo, se puder, ser resgatado. Ficando alem disso um bocadinho do vestidinho em que vai vestido.
Lisboa, 10 de Junho de 1839
O bocadinho do vestido deve ficar junto a este sinal.

Documento nº 47

No dia 31 de Março de 1840 nasceu essa menina pela[s] sete horas da manhã e ainda não vai baptizada. E se há-de chamar Balbina. Os sinais que leva são os seguinte[s]: camisa de pano patente[1], tira de linho, fralda de linho, cueiro de baeta branco e babadoiro de pano abretanhado[2]. Vestido de cambraia com riscas branco com ramos azuis claros. Lenço na cabeça branco. Touca de bobinete[3] com entremeios no meio e tira em machinhos, fita de gaza[4] lavrada branca. Xaile cor de rosa. No pescoço o sinal que este bilhete leva é uma fita verde ornada com riscas encarnadas e umas figuras pintadas.
Entrou na Santa Casa da Misericórdia no mesmo dia em que nasceu. E vai muito e muito recomendada.

(rubrica)

Nota Bene: do mais vai [..]anta(?) mas o freio ainda não vai cortado.

1. Tipo de tecido de algodão.
2. Tecido muito fino de linho ou de algodão.
3. Certa espécie de tule.
4. Tecido leve e transparente.

Documento nº 48

Esse menino nasceu a 13 de Outubro de 1840. Desejo que se chame Campolini. Leva dois cueiros de beatilha branca debruados de cor de rosa, um cinto de chita azul e branco, com fita cor de rosa. Umas roupinhas de chita cor de rosa, uma fita de seda cor de cana, com ramos verdes e roxos [e] uma touca de cassa branca. Leva uma argola de ouro na orelha esquerda. Entra no dia 14 de Outubro de 1840.

Documento nº 49

Hoje 30 de Maio de 1843, entra um menino para a Santa Casa. Não vai baptizado. E por nome lhe porão Joaquim Victor. Leva de sinal um cueiro [de] baeta encarnado e um jaleco[1] de chita, e um cordão de prata e uma medalha também de prata, e um xaile de algodão de quadros[2].

1. O mesmo que jaqueta.
2. O mesmo que quadrados.

Documento nº 50

Pede-se que se ponha o nome de Alfredo com declaração no respectivo assento. Nasceu a 6 de Fevereiro de 1845. Junto a este vai metade da carta 8 de copas do baralho azul. Ficando em poder da mãe da criança a outra metade, assim como uma cópia deste bilhete para a todo o tempo servirem como sinais verdadeiros, e não haver dúvidas para o futuro quando por ventura se reclame este exposto.

Documento nº 51

Nasceu esta menina no dia 3 de Outubro de 1854, pelas cinco horas da tarde, e se deve chamar Ana Rita Casimira Buttuller[1] Pedroso e Silva. E leva um vestido de chita azul claro com salpicos brancos e silvado preto e raminhos encarnados e pretos. E dois cueiros de beatilha d'algodão branco de um pêlo debruados de seda azul claro com uma ilhós escarlate. E uma fralda de pano patente e também com uma ilhós escarlate. E uma camisa de pano patente e também com uma ilhós escarlate. E um lencinho de cassa branca com uma cercadura azul claro desmerecida e com uma ilhós encarnada que leva na cabeça. E um babadouro de pano patente com uma ilhós encarnada. E um xaile d'algodão com riscas escocesas contendo as cores azulóio[2], escarlate, preto, cor de laranja, branco e verde claro, e com cadilhos[3] em roda todos de escarlate, brancos, verdes claros e azulóios e são d' algodão da quali-

dade do mesmo xaile. E leva uma fita de cetim cor de rosa com xadrez cor de rosa desmerecido, digo desvanecido, e a cuja leva na cintura, e vai um bocado cosida a este bilhete. E fica outro igual no bilhete que cá fica. E vai firmado este com quatro letras góticas postas com sinete em lacre encarnado, e as cujas são: (*verso*) C. J. R. S., e o mesmo fica no bilhete que fica em meu poder. E também fica o corte deste bilhete em meu poder junto ao que cá fica. Agora peço o obséquio de que seja madrinha desta menina a Senhora Santa Ana. E também por mercê peço que se lhe fure as orelhas.
Lisboa, 3 de Outubro de 1854
Ribeiro e Silva

Livro 133 Fólio 371 verso Número 1913

1. Alteração do apelido inglês Butler.
2. Azul usado no hábito dos frades lóios.
3. Franjas colocadas na extremidade do xaile.

Documento nº 52

Nasceu este menino no dia 12 de Fevereiro pela uma hora da madrugada do ano de 1856, e se deve chamar Venâncio Joaquim Casimiro Buttuller Pedroso Ribeiro e Silva. E leva um vestido de chita de chão branco com um xadrez amarelo cor de ferro, e com ilhósezinhas pretas por todo o dito chão. E dois cueiros de beatilha d'algodão branca dum pêlo debruados de paninho escarlate, e com uma ilhós escarlate. E uma fralda de pano patente com uma ilhós escarlate. E uma camisa de pano patente também com uma ilhós escarlate. E um lencinho de cassa branca com cercadura em roda azul clara, e com uma ilhós escarlate, e que leva na cabeça. E um babadouro de pano patente e também com uma ilhós escarlate. E um xaile d'algodão de diferentes cores sendo o chão encarnado com riscas amarelas e outras verdes e outras azuis meia cor, e também outras pretas, e outras brancas, tudo ponto de sarja e com franja toda em roda com as mesmas cores. E leva uma fita de seda larga de cor amarela com ourelas lavradas tudo da mesma cor, e a cuja leva na cintura, e um bocado cosida nas costas deste bilhete. E fica outro igual no bilhete que cá fica. E vai firmado este bilhete no topo com quatro letras góticas postas com sinete em lacre encarnado e as cujas são: C. J. R. S. em (*verso*) firma. E o mesmo fica no bilhete que fica em meu poder. E também fica o corte deste bilhete em meu poder cosido ao outro que cá fica. Agora peço o obséquio de que seja madrinha deste menino Nossa Senhora da Conceição.
Lisboa, 12 de Fevereiro de 1856
C. J. Ribeiro Silva.[1]

Livro 135 a fólio 346 verso Número 358

1. No original: C. J. R. Silva.

Documento nº 53

Nasceu esta menina no dia 27 d' Abril de 1859 pelas seis horas menos um quarto da tarde, e se deve chamar Casimira Gertrudes das Dores Buttuller Pedroso e Silva. E leva um vestido de chita roxo com silvados cor de castanha e encarnado, e risquinhas pretas. E dois cueiros brancos de beatilha debruados de cor de cana e uma ilhós verde. E uma fralda d'algodão branco com uma ilhós verde. E uma camisa de pano patente com uma ilhós também verde. E meio lencinho de três pontas de risca roxa com uma ilhós também verde, o cujo leva atado na cabecinha. E um babadoiro de pano patente e também com ilhós verde. E um xaile d'algodão de chão preto com riscas azuis e brancas e cor de castanha com franja também d'algodão toda em roda cor de castanha e branca e preta e com uma ilhós verde. E este bilhete vai firmado com quatro letras góticas postas com sinete em lacre encarnado, e as cujas são: C. J. R. S.. E fica outro bilhete igual a este em meu poder firmado da mesma maneira. E também fica o corte deste bilhete junto ao que fica em meu poder. Agora peço o obséquio de que seja madrinha Nossa Senhora das Dores por devoção. E também por mercê peço que se lhe fure as orelhas.
Lisboa, 27 d' Abril de 1859
C. J. Ribeiro Silva[1]

1. No original: C. J. R. Sª.

Documento nº 54

Ilustríssima Senhora
Este inocente menino peço a Nossa Senhora lhe mande pôr por nome António Ferreira Júnior. Filho de outro António Ferreira para em tempo o puder procurar. Juntamente lhe pedia com a maior atenção de que sendo possível ficar na cidade. Tudo isso ficará à disposição de vossa senhoria. Leva uma relíquia do Senhor Santo Cristo dos Milagres da ilha de São Miguel, e um rosário de Nossa Senhora do Rosário junto a(?) uma fita cor de rosa[1].
Lisboa, 22 de Agosto de 1856
António Ferreira

1. A descrição dos sinais do exposto é acrescentada ao texto inicial decerto por outra pessoa como se atesta pela letra.

Documento nº 55

Esta menina nasceu no dia 5 de Setembro ó meio dia. Há-de-se chamar Antónia Maria. Leva uma fita branca. Fica outra com [o] mesmo sinal.

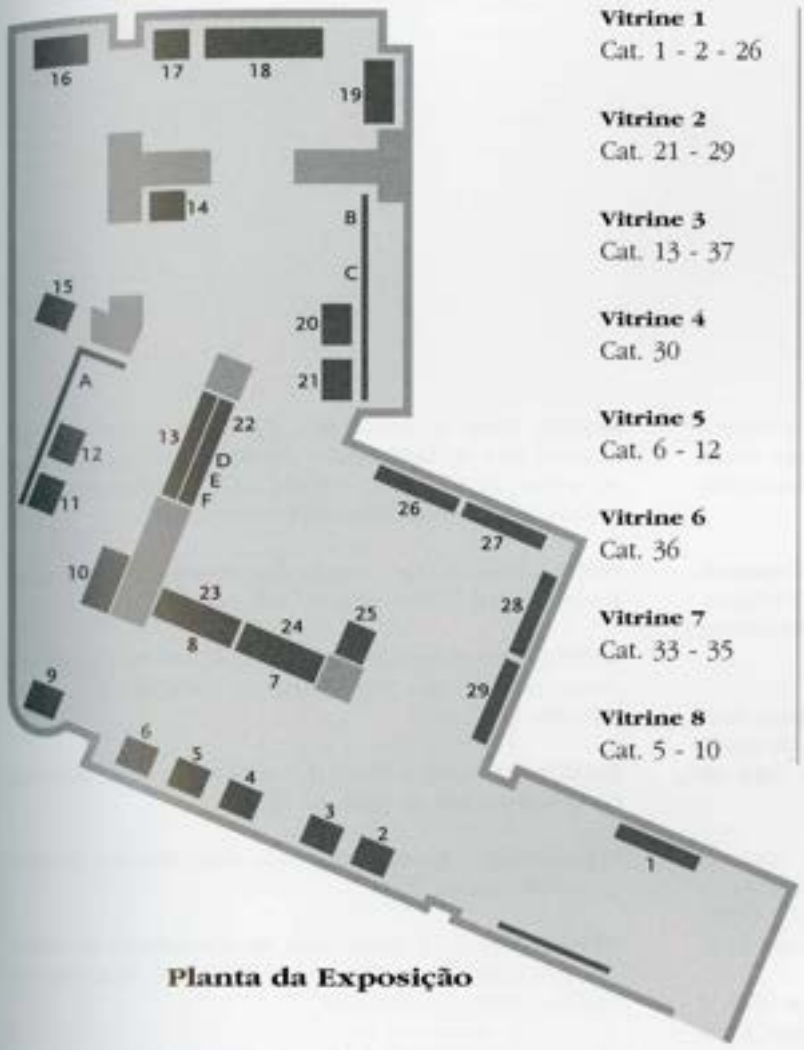
Documento nº 56

António, natural de Lisboa. Nasceu a 9 d'Outubro de 1866. Foi baptizado na igreja do Socorro. Pede-se que seja guardada a metade desse retrato (que é do pai) para um dia puder ser encontrado pela família que o procurará.

Documento nº 57

(x)
Peço obeçeqio ermola tehan pena deste anginho de nome pohan laura de jesus. desejan saber qe rumo leva para todo tenpo ser perqurada.
(X) Isto é:
Peço o obséquio e esmola que tenham pena deste anjinho de nome ponham Laura de Jesus. Deseja saber que rumo leva para a todo o tempo ser procurada.

(*verso*) *Livro de Baptismo 1892 fólio 126 verso número 98.*
Dulcina nome do baptismo.
Abandonada – com um bilhete em que lhe pediam o nome de Laura.



Planta da Exposição

Vitrine 1
Cat. 1 - 2 - 26

Vitrine 2
Cat. 21 - 29

Vitrine 3
Cat. 13 - 37

Vitrine 4
Cat. 30

Vitrine 5
Cat. 6 - 12

Vitrine 6
Cat. 36

Vitrine 7
Cat. 33 - 35

Vitrine 8
Cat. 5 - 10

Vitrine 9
Cat. 48 - 49

Vitrine 10
Cat. 4 - 56

Vitrine 11
Cat. 34 - 45

Vitrine 12
Cat. 16 - 32
A - Cat. 58

Vitrine 13
Cat. 3 - 23 - 27

Vitrine 14
Cat. 20 - 28

Vitrine 15
Cat. 31 - 44 - 57

Vitrine 16
Cat. 11 - 14 - 24

Vitrine 17
Cat. 42

Vitrine 18
Cat. 51 - 52 - 53

Vitrine 19
Cat. 25
B - Cat. 59
C - Cat. 60

Vitrine 20
Cat. 40

Vitrine 21
Cat. 39

Vitrine 22
Cat. 7
D - Cat. 61
E - Cat. 62
F - Cat. 63

Vitrine 23
Cat. 15 - 18

Vitrine 24
Cat. 9 - 54

Vitrine 25
Cat. 41

Vitrine 26
Cat. 38 - 43 - 46 - 50

Vitrine 27
Cat. 8 - 17 - 22

Vitrine 28
Cat. 47 - 55

Vitrine 29
Cat. 19

A presente mostra compreende vários conjuntos de sinais de expostos que se encontram dispostos de acordo com a sua tipologia. Para além de documentos que invocam a Misericórdia de Lisboa, como testemunha o caso de uma imagem de Cristo da Misericórdia (vit. 1), aparecem também medalhas de santos e escapulários que constituem elementos de invocação cristã, pois o fervor religioso encontra-se intimamente associado à esperança de uma futura recuperação da criança depositada na Roda. Seguem-se objectos de valor material, tais como o ouro e a prata (vit. 9), e sugestivos registos de ordem familiar, como atesta uma fotografia do pai de um menino enjeitado (vit. 10).

Foi igualmente seleccionada uma importante planta do conjunto arquitectónico de São Roque, datada de 1808, que documenta os principais locais onde eram recolhidas as crianças na Santa Casa (letra A).

O percurso é ainda diversificado com objectos revestidos de valor pecuniário e simbólico, nomeadamente moedas e artefactos, concebidos em diferentes materiais, como a madrepérola e a prata (vit. 13 e 16), acreditando os progenitores num bom agouro para a vida da criança, futuramente protegida por estes objectos.

Encontram-se igualmente patentes duas pinturas alusivas ao tema (letras B e C) que ilustram de uma forma sugestiva e dramática os meninos expostos. A representação de crianças está igualmente presente em certos sinais, como testemunham dois curiosos desenhos do século XIX (vit. 20 e 21).

Salientamos ainda uma valiosa escultura de um jovem *Enjeitado*, representado com uma chapa de identificação suspensa num colar, peça que foi executada pelo reconhecido mestre José Simões de Almeida (letra D).

O conjunto de documentos é ainda enriquecido com instrumentos utilizados na época que se destinavam à identificação dos expostos, sendo de destacar um alicate que tinha como função marcar os selos de chumbo dos colares destas crianças (letra E).

Os sinais ligados ao jogo e à superstição também constituem uma importante área, sendo de realçar a inclusão na mostra de dois fragmentos de bilhetes da lotaria, de um dado e de uma carta de jogar (vit. 26 e 27).

O percurso termina com alguns exemplares que se evidenciam pela sua função decorativa, como testemunham uma fita com motivos de inspiração oriental e, uma outra, que associa a pintura à técnica do bordado (vit. 28 e 29).

Bibliografia Geral

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de - *Dar aos pobres é emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima: (séculos XVI-XVIII).* Ponte de Lima: Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000.

«Benedetto chi ti porta, maledetto chi ti manda»: l'infanzia abbandonata nel Triveneto (secoli XV-XIX). Convegno. Treviso: Edizioni Fondazione Benetton Studi Richerche/ /Canova, 1997.

CARDOSO, Rogério Seabra - "A questão dos expostos: uma abordagem pela legislação do século XVI ao final do século XVIII", in *Cidade Solidária*, Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nº 2, 1999.

COSTA, Américo Fernando da Silva - *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães: 1650-1800: (caridade e assistência no meio vimaranense dos séculos XVII e XVIII).* Guimarães: Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 1999.

COSTA, Maria Teresa Ferreira da - *O abandono e a roda: a Real Casa dos Expostos de Lisboa: 1780-1784.* Lisboa, [s.n.], 1998.

Expostos e ilegítimos na realidade ibérica do século XVI ao presente. Actas do III Congresso da ADEH (Associação Ibérica de Demografia Histórica). Porto: Edições Afrontamento, 1996.

FONTE, Teodoro Afonso da - *O abandono de crianças em Ponte de Lima: (1625-1910).* Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1996.

Inventário da criação dos expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1998.

Livret Illustré du Salon: Contenat environ 200 reproductions d'après les dessins originaux des artistes: supplément au catalogue illustré du salon. Paris: Librairie d'art L. Baschet, 1884.

MANOEL, Francisco d´Orey; COLEN, Maria Luisa Barbosa - "Os expostos e desamparados na Misericórdia de Lisboa", in *Cidade Solidária*, Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nº 2, 1999.

MATOS, Sebastião - *Os expostos da roda de Barcelos: 1783--1835.* Areias de Vilar-Barcelos: Associação Cultural e Recreativa de Areias de Vilar, 1995.

MORAIS, Maria da Graça de - *Dos expostos da roda do Hospital Real de Santo André da vila de Montemor-o-Novo no início do séc. XIX: (1806-1830).* Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1987.

MOURA, Vasco Graça - *Ronda dos meninos expostos: auto breve de Natal.* Lisboa: Quetzal Editores, 1987.

PAMPLONA, Fernando de - *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalham em Portugal.* 2ª edição. Barcelos: [s.n.], 1987.

RAIMUNDO, Natércia Reis - *A roda e os expostos.* Almeida: Câmara Municipal de Almeida, 1994.

RUSSO DRAGO, Renata - *I figli dello Stato.* Palermo: Arnaldo Lombardo editore, 2000.

RIBEIRO, Victor - *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (Subsídios para a sua História).* 2ª ed. Lisboa: Academia das Ciências, 1998.

SÁ, Isabel dos Guimarães - *A Casa da Roda do Porto e o seu funcionamento: (1710-1780).* Porto: Universidade do Porto, 1985; *A circulação de crianças na Europa do Sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995; *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português: 1500--1800.* Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

SAN-BENTO, Madalena - *Os expostos.* Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1994.

Sinais de expostos: exposição histórico-documental. Catálogo. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1987.

Fontes Documentais

- Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

- Archivo di Stato di Venezia

- Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa